



## Projeto de Ética Mundial

### Um debate

#### Editorial

O projeto de uma Ética Mundial é a proposta do teólogo, de renome internacional, **Hans Küng**, entrevistado especial nesta edição e que vem ao Brasil, nesta semana, para debatê-lo. Esta edição da *IHU On-Line* entrevistou também alguns intelectuais que falam sobre a Ética Mundial, como **Denis Müller**, professor da Universidade de Lausanne; **Paolo D'Arcais**, diretor da

prestigiosa revista italiana *Micromega*; **Paul Valadier**, do Centro Sèvres de Paris; **Gianni Vattimo**, filósofo italiano; **Alfredo Culleton**, da Unisinos; e **Jan Assmann**, egiptólogo alemão.

Desta maneira, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU continua o debate que foi propiciado, além das páginas da sua revista, na sua página eletrônica, com a publicação de notas, textos e repercussões da proposta, especialmente no Fórum Ética Global, criado no sítio do IHU.

Trata-se de um debate que a visita de Hans Küng instiga e que continuaremos a discutir nas diversas publicações do IHU.

**Ricardo Bielschowsky**, economista da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), estará nesta semana aqui na Unisinos. Na entrevista que publicamos nesta edição, ele analisa as mudanças no pensamento econômico da Cepal. Uma entrevista de fôlego que merece ser lida e refletida. Por sua vez, o antropólogo **Pedro Ignacio Schmitz**, diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas, testemunha: “Cada expedição arqueológica traz surpresas e nossos trabalhos nunca são definitivos, porque ainda estamos desbravando o imenso território brasileiro”.

*Tropa de elite* é o filme da semana, comentado por André Dick, doutor em Literatura Comparada e colaborador do IHU.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 06 | Hans Küng: A dignidade humana em primeiro plano, a base da moral do Weltethos

PÁGINA 09 Paul Valadier: Os limites de uma ética planetária

PÁGINA 12 | Denis Müller: “A ética planetária não pode limitar-se a um único modelo”

PÁGINA 17 | Paolo Flores D’Arcais: É impossível falar de moralidade do indivíduo contemporâneo

PÁGINA 24 | Gianni Vattimo: Afirmar o princípio da solidariedade, a ética do futuro

PÁGINA 27 | Jan Assmann: “Verdades de fé jamais poderão ser universais”

PÁGINA 29 | Alfredo Culleton: Uma crítica ao idealismo em favor de uma certa autonomia da política

### B. Destaques da semana

» Filme da Semana

PÁGINA 32 | *Tropa de elite*, de José Padilha

» Invenção

PÁGINA 36 | Poema de Armando Freitas Filho

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 39 | Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Frases da Semana

### C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 44 | Agenda da Semana

PÁGINA 45 | Ricardo Bielschowsky: Mudanças no pensamento da Cepal

PÁGINA 49 | Tarso Ledur Kist: Biotecnologia, sinônimo de desenvolvimento?

PÁGINA 52 | Pedro Ignácio Schmitz: Investigações arqueológicas revelam passado indígena

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 57 | Osmar Nunes Xavier

PÁGINA 60 | Sala de Leitura

» IHU REPORTER

PÁGINA 61 | Clarice Hofstadler Deiques

## Hans Küng – Biografia

Teólogo católico nascido na Suíça em 1928, Hans Küng vive desde 1967 na cidade alemã de Tübingen, em cuja Universidade trilhou brilhante carreira acadêmica<sup>1</sup>. Por suas posições firmes diante de Roma, sofreu duras represálias, que em 1979 culminaram na cassação de sua autorização canônica para lecionar Teologia em instituição superior católica. Küng tinha tamanho prestígio intelectual na época que a Universidade, para que o professor e sua equipe de pesquisadores pudessem continuar atuando, criou o Instituto de Pesquisas Ecumênicas, como unidade autônoma em relação à Faculdade de Teologia Católica.

Em 1990, ao encerrar sua carreira na Universidade, Hans Küng lançou o *Projeto de Ética Mundial*. A proposta pretendeu fundamentar, a partir da pesquisa científica sobre o teor ético de cada uma das religiões mundiais, um *ethos* mundial capaz de responder aos desafios do mundo globalizado - não sob a égide da dominação ou hegemonização econômica e cultural, mas a partir do diálogo intenso entre culturas e nações diferentes. O debate alcançou grande repercussão. Em 1995, graças à doação de alguns recursos financeiros pelo Conde K. K. von der Groeben, tornou-se possível a criação da Fundação de Ética Mundial, sediada em Tübingen, na qual atua uma equipe executiva e de pesquisa científica<sup>2</sup>. Por exemplo, a Fundação vem levando a

---

<sup>1</sup> Obras como *A Igreja* (1967) e *Ser cristão* (1974) marcaram também no Brasil a cena intelectual da época. São outras referências centrais seus grandes tratados sobre *O Judaísmo* (1991), *O Cristianismo. Essência e história* (1994) e *O Islamismo. História, presente e futuro* (2004). Há pouco tempo, Küng apresentou estudo intitulado *A origem de todas as coisas* (2005), respeitável tratado sobre o diálogo entre a teologia e as ciências, em relação a grandes temas como cosmologia, física quântica, bioética. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Informações em espanhol encontram-se disponíveis em [http://www.weltethos.org/dat\\_spa/indx\\_4sp.htm](http://www.weltethos.org/dat_spa/indx_4sp.htm). (Nota da *IHU On-Line*)

Tübingen desde 2000, para conferências sobre Ética Mundial, intelectuais e líderes prominentes como Tony Blair<sup>3</sup> (antes das guerras), Kofi Annan<sup>4</sup>, Mary Robinson<sup>5</sup>, Horst Köhler<sup>6</sup>, Shirin Ebadi<sup>7</sup> e Jacques Rogge<sup>8</sup>. Entre outras atividades educacionais e na mídia, a Fundação produziu exposição composta de 12 grandes painéis

---

<sup>3</sup> **Tony Blair**: advogado inglês, eleito líder do Partido Trabalhista em 21 de julho de 1994 e, desde 1º de maio de 1997, ocupa o cargo de primeiro-ministro do Reino Unido. É o trabalhista a ficar mais tempo no poder. Seu esforço para a conclusão do processo de paz na Irlanda do Norte, firmado no Acordo de Sexta-Feira Santa, de 1998, deverá ser lembrado como uma de suas conquistas. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> **Kofi Annan** (1938): Diplomata de Gana. Começou a trabalhar nas Nações Unidas ao ingressar em 1962 na Organização Mundial da Saúde. Ao longo dos anos exerceu diferentes funções na ONU até chegar ao posto de secretário-geral em 1º de Janeiro de 1997. Em 2001, foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>5</sup> **Mary Robinson** (1944): política irlandesa. Entre os anos de 1969 a 1989 participou da Câmara Alta do Parlamento e, em 1988, foi co-fundadora do Centro Irlandês para as Leis Europeias. Nos anos 1990, foi eleita presidente da República da Irlanda, sendo a primeira mulher e a primeira personalidade de esquerda a ocupar o cargo. Comissária da ONU para os Direitos Humanos, Mary Robinson fundou a EGI (Iniciativa Ética Global). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>6</sup> **Horst Köhler** (1943): Político alemão com doutoramento em economia. Ocupou o cargo de diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional e, em 2004, foi eleito presidente da Alemanha. Em 1998, foi nomeado presidente do Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>7</sup> **Shirin Ebadi** (1947): Advogada iraniana. É ativista dos direitos humanos. Sua luta pela igualdade de direitos e por reformas políticas em seu país lhe renderam o Prêmio Nobel da Paz em 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>8</sup> **Jacques Rogge** (1942): Conde belga formado em medicina, com especialidade em cirurgia ortopédica. É o atual presidente do Comitê Olímpico Internacional. Iniciou suas atividades esportivas no iatismo, onde representou a Bélgica nos jogos olímpicos de 1968, 1972 e 1976. Sob sua presidência, o COI iniciou um projeto para viabilizar a candidatura a sede dos Jogos Olímpicos por parte de países menos desenvolvidos, com políticas de redução de custos e complexidade. (Nota da *IHU On-Line*)

explicativos sobre as religiões mundiais, já exibida em versão inglesa no hall de entrada do edifício da ONU em Nova York; produziu também, em cooperação com a grande emissora de tevê alemã SWR, uma série de sete filmes documentários sobre o tema, acompanhada de livro ilustrado. Essa obra impressa foi recentemente traduzida no Brasil<sup>9</sup>, mas os episódios televisivos permanecem inéditos.

Recentemente, em setembro de 2005, inclusive o papa Bento XVI surpreendeu a opinião pública mundial ao receber Hans Küng para uma longa conversa amigável, na residência de Castel Gandolfo. Nada das divergências doutrinárias do passado: o encontro de ambos foi marcado pelo reconhecimento que Joseph Ratzinger dedica à contribuição de Hans Küng ao diálogo entre as religiões e ao diálogo entre ciência e fé<sup>10</sup>. Os dois antigos colegas (supostos antagonistas, até então) ocuparam juntos o noticiário alemão e mundial tão logo o Vaticano divulgou nota à imprensa sobre o encontro. Prevaleceram, sobre divergências doutrinárias e desencontros institucionais de décadas, a clarividência teológica e a urgência de contribuir para a solução de questões da ordem do dia, em nível internacional.

Também no Brasil a obra de Küng *Projeto de Ética Mundial* (1990) foi marco fundador de uma discussão que, pela premência dos fatos, frutificou rapidamente e continua a angariar apoio. Seguiu-lhe a publicação de *Uma Ética Global para a política e a economia mundiais* (1999). Nessa obra, a partir da análise criteriosa do pensamento de figuras chave para a economia e política internacionais recentes (Henry Kissinger<sup>11</sup>, por exemplo),

<sup>9</sup> Küng, Hans. *Religiões do mundo. Em busca dos pontos comuns* (Campinas: Verus Editora, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>10</sup> Quanto a isso, cf. Kuschel, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> Henry Alfred Kissinger (1923): diplomata norte-americano que teve um papel importante na política estrangeira dos EUA entre 1968 e 1976. Em 1938, devido às perseguições anti-semitas na Alemanha, emigrou com seus pais para os EUA. Kissinger foi conselheiro para a política estrangeira de todos os presidentes dos EUA de Eisenhower a

Küng discorre sobre assuntos como o livre mercado e o equilíbrio social, a ecologia e a consciência ética, a globalização e o estado de bem-estar social em crise. A obra seguinte publicada no Brasil, em co-autoria com Helmut Schmidt<sup>12</sup>, ex-chanceler da República Federal da Alemanha, intitula-se *Ética Mundial e responsabilidades globais: duas declarações* (2001). A publicação encerra versão comentada de dois documentos expedidos respectivamente pelo Parlamento Mundial das Religiões (a “Declaração de ética mundial”, de 1993) e pelo InterAction Council (a “Declaração dos deveres da humanidade”, de 1997, assinada por dirigentes mundiais como Helmut Schmidt, Jimmy Carter<sup>13</sup>, Giscard d’Estaing<sup>14</sup>, Mikhail Gorbatchov<sup>15</sup>,

---

Gerald Ford, sendo o secretário de Estado, conselheiro político e confidente de Richard Nixon. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>12</sup> Helmut Schmidt (1918): economista e ex-político do Partido Social-Democrata (SPD) Alemão, desde 1946. Foi Chanceler da Alemanha de 1974 a 1982, tendo atuado como ministro de Relações Exteriores. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>13</sup> Jimmy Carter (1924): Político norte-americano. Foi o 39º presidente dos Estados Unidos da América. Esteve à frente do governo dos Estados Unidos entre 1977 e 1981, convertendo-se no mediador do primeiro acordo de paz entre um país árabe e Israel. (Nota *IHU On-Line*)

<sup>14</sup> Giscard d’Estaing (1926): político francês de centro-direita, que exerceu o cargo de Presidente da República Francesa de 1974 a 1981. Entre 2002 e 2003, foi presidente da Convenção para o Futuro da Europa, que redigiu um projeto de Constituição Europeia aprovado em 2004 pelos chefes de Estado e de Governo dos membros da União Europeia. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> Mikhail Gorbatchov (1931): Advogado russo formado na Universidade de Moscou. inscreveu-se no Partido Comunista em 1952 com 21 anos de idade. Em 1966, com 35 anos, completou os estudos no Instituto Agrícola como economista-agrônomo. Começou, então, a progredir rapidamente na sua carreira política. foi o último secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991. As suas tentativas de reforma conduziram ao final da Guerra Fria e, ainda que não tivesse esse objetivo, terminou com o poderio do Partido Comunista da União Soviética, levando à dissolução da União Soviética. (Nota da *IHU On-Line*)

Shimon Peres<sup>16</sup>, além de especialistas como Hans Küng, Hassan Hanafi e Richard Rorty). A “Declaração de Ética Mundial”, a propósito, teve pronto acolhimento, e em 1995, por exemplo, publicou-se um volume intitulado *Ja zum Weltethos (Sim à ética mundial)*. No livro, sem tradução para o português, um dos capítulos tem autoria de D. Paulo Evaristo Arns<sup>17</sup> (“O *ethos* da paz”, p. 204-217), que integra a coletânea ao lado de outras celebridades como Desmond Tutu<sup>18</sup>, o rei Hassan da Jordânia, os escritores Lev Kopelev e Elie Wiesel<sup>19</sup>.

Do empreendimento iniciado por Küng participam outros pesquisadores alemães, entre os quais se pode

---

<sup>16</sup> **Shimon Peres** (1923): Político israelense. Foi primeiro-ministro de Israel nos períodos de 1984 a 1986 e 1995 a 1996, e co-fundador do Partido Trabalhista israelense, em 1968. Em junho de 2007 foi eleito presidente de Israel. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **D. Paulo Evaristo Arns** (1921): Nasceu em Santa Catarina e ingressou na ordem Franciscana em 1939. Foi professor, diretor do CIC e jornalista. Atuou na Região Norte de São Paulo, cidade onde foi nomeado Arcebispo, em 1970. Defendeu os líderes sindicais nas greves, apoiou a campanha contra o desemprego e o movimento pelas eleições diretas. Sua luta em defesa dos direitos dos pobres e pelo fim da desigualdade social lhe valeu dezenas de prêmios no mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>18</sup> **Desmond Tutu** (1931): Bispo anglicano sul-africano. Trabalhou como professor secundário e, em 1960, ordenou-se sacerdote anglicano. Após estudar teologia por cinco anos na Inglaterra, foi nomeado decano da catedral de Santa Maria, em Johannesburgo, sendo o primeiro negro a ter tal nomeação. Sagrado bispo, dirige a diocese de Lesoto de 1976 a 1978, ano em que se torna secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul. Sua proposta para a sociedade sul-africana inclui direitos civis iguais para todos; abolição das leis que limitam a circulação dos negros; um sistema educacional comum; e o fim das deportações forçadas de negros. Sua firme posição anti-apartheid - a política oficial de segregação racial - lhe vale, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>19</sup> **Elie Wiesel** (1928): Judeu nascido na Romênia. Foi sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Em 1986, ganhou o Prêmio Nobel da Paz, pelo conjunto de sua obra, quase 40 livros, que resgatam a memória do holocausto e defendem outros grupos vítimas de perseguições. É professor de Direitos Humanos na Universidade de Boston (EUA). Entre seus livros destacam-se *A noite* (São Paulo: Ediouro, 2006) e *Tempo dos desenraizados* (São Paulo: Record, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

destacar Karl-Josef Kuschel<sup>20</sup>, titular da cátedra de Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-Religioso na Universidade de Tübingen e doutor *honoris causa* da Universidade de Lund, na Suécia. No âmbito do Projeto de Ética Mundial, já em 1996 Kuschel assumiu a vice-presidência da Fundação de Ética Mundial e, entre outras, a tarefa de refletir teologicamente sobre possibilidades de diálogo entre islamismo, judaísmo e cristianismo<sup>21</sup>. Autor de livros voltados ao estudo interdisciplinar de Teologia e Literatura<sup>22</sup>, o pensador esteve em visita ao Brasil, Argentina e Chile em 1999, para diversas conferências. Com a proposição de uma teologia abraâmica, Kuschel põe-se à procura de um caminho de fraternidade entre as três grandes religiões monoteístas - marcadas em nosso tempo muito mais pela discórdia do que pelo parentesco de uma origem comum que as deveria aproximar.

Construtores de uma anti-Babel global, sólida, horizontal e tão inclusiva quanto possível, Hans Küng e parceiros como Karl-Josef Kuschel crêem, como outros, que a multiplicidade de línguas, culturas e religiões presta-se a preservar e respeitar diferenças, bem como construir respeito e paz.

**Fonte:** *IHU Fórum On-Line*, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

---

<sup>20</sup> **Karl-Josef Kuschel**: teólogo católico alemão que exigiu um diálogo mais intenso entre cristãos, judeus e muçulmanos. Confira a edição 21 dos *Cadernos Teologia Pública do IHU*, de autoria de Kuschel, intitulada *Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo*. (Nota da *IHU On-Line*)

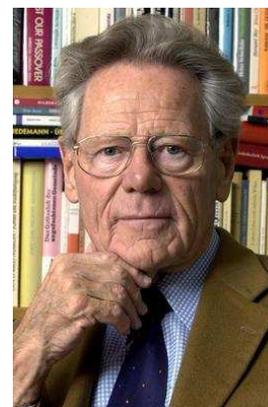
<sup>21</sup> Sobre o tema das relações entre cristianismo e islamismo, v. Kuschel, Karl-Josef. *Discórdia en la casa de Abraham: lo que separa y lo que une a judíos, cristianos y musulmanes* (Madri: Verbo divino, 1996). O autor trabalha agora em outra grande obra sobre a teologia do “triálogo” entre cristianismo, islamismo e judaísmo, prevista para lançamento em 2008. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>22</sup> Kuschel, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras* (São Paulo: Loyola, 1999). (Nota da *IHU On-Line*)

# A dignidade humana em primeiro plano, a base da moral do Weltethos

ENTREVISTA COM HANS KÜNG

*“No Ethos Mundial - tanto no que se refere aos direitos humanos como também aos deveres humanos - a dignidade humana está em primeiro plano; ela é a base da moral”, explica seu autor, o renomado teólogo alemão Hans Küng, que nesta segunda-feira, 22 de outubro, está na Unisinos proferindo a conferência “As religiões mundiais e a Ética Global”. Na tarde deste mesmo dia, ele estará reunido com um grupo de professores e professoras de teologia da região sul do Brasil, na sede do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Segundo Küng, o projeto da ética global “não é uma teoria ou ideologia, mas uma práxis, no sentido de possibilitar a prática convivência das pessoas humanas na família, na escola, na comunidade, numa cidade, numa nação e também na comunidade das nações”. Confira a íntegra da entrevista exclusiva que Küng nos concedeu por e-mail, na última semana, adiantando alguns dos aspectos que irá discutir em sua vinda ao Brasil. Conheça mais detalhes sobre o pensamento künguiano no Fórum On-Line disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).*



*Teólogo católico, Küng vive desde 1967 em Tübingen, onde leciona na Universidade. Por suas posições firmes diante de Roma, sofreu duras represálias, que em 1979 culminaram na cassação de sua autorização canônica para lecionar Teologia em instituição superior católica. Küng tinha tamanho prestígio intelectual na época que a Universidade, para que o professor e sua equipe de pesquisadores pudessem continuar atuando, criou o Instituto de Pesquisas Ecumênicas, como unidade autônoma em relação à Faculdade de Teologia Católica. Em 1990, ao encerrar sua carreira na Universidade, Hans Küng lançou o Projeto de Ética Mundial. Recentemente, em setembro de 2005, o papa Bento XVI surpreendeu a opinião pública mundial ao receber Küng para uma longa conversa amigável, na residência de Castel Gandolfo.*

*Também no Brasil a obra de Küng, Projeto de Ética Mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana (São Paulo: Paulinas, 1992) foi marco fundador de uma discussão que, pela premência dos fatos, frutificou rapidamente e continua a angariar apoio. Seguiu-lhe a publicação de Uma ética global para a política e a economia mundiais (Petrópolis: Vozes, 1999). A obra mais recente de Hans Küng, traduzida para o português é O princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião (Petrópolis: Vozes, 2007). Confira a entrevista.*

**IHU On-Line - Como se situa o Projeto da Ética Mundial ante a discussão entre o absolutismo da verdade e o relativismo?**

Hans Küng - O Projeto de uma Ética Mundial (*Weltethos*) não toma posição em abstrato ante tais questões teóricas. No Projeto de uma Ética Mundial, não se trata de uma teoria ou ideologia, porém de uma práxis, no sentido de possibilitar a prática convivência dos homens na família, na escola, na comunidade, numa cidade, numa nação e também na comunidade das nações. Não se trata, portanto, da questão da verdade em si, porém de padrões, valores e posturas éticas bem concretas e elementares, que podem e devem ser expressas por todos os humanos da mais diversificada orientação espiritual e da mais diversificada religião e filosofia.

**IHU On-Line - Portanto, nenhuma “ditadura do relativismo”?**

Hans Küng - Não, já é bem claro que o Projeto de Ética Mundial não cultua um relativismo absoluto, no qual “*anything goes*”. Também é um fato de que a imensa maioria dos humanos não está disposta a aceitar, sem mais, por exemplo, o assassinato de inocentes, o abuso de crianças e de mulheres ou a mentira de governantes. Neste sentido, há realmente normas constantes. Mas estas normas devem sempre ser realizadas numa situação concreta e essas situações podem ser muito diversas. E, quando o papa se queixa com razão de uma “ditadura do relativismo”, deve-se, de outra parte, acentuar que outras tantas pessoas lastimam uma ditadura do absolutismo: que alguém quer saber, sozinho no mundo, o que é “a verdade”, por exemplo, em questões de regulação de nascimentos, aborto, tecnologia genética, ajuda a moribundos e assim por diante. Nós não necessitamos nem de uma ditadura do relativismo, nem de uma ditadura do absolutismo.

**IHU On-Line - Quais são as maiores dificuldades para que as quatro diretrizes do Projeto<sup>23</sup> se insiram no modelo da hodierna sociedade ocidental?**

Hans Küng - Trata-se, de um lado, dos libertinos que não aceitam nenhuma norma moral para si, que utilizam qualquer próximo apenas como meio para um fim e, quando vem ao caso, dele abusam irrefreadamente. Há governantes que com mentiras conduzem povos inteiros à guerra, ou Chief Executive Officers (CEO's), que, com seus balancetes falsificados, enganam milhões ou bilhões de pessoas. Os grandes escândalos que vivenciamos na política, na economia e mesmo na ciência impeliram muitas pessoas à constatação de que nem tudo pode ser permitido, mas que as antiqüíssimas normas como “não matar”, “não furtar”, “não levantar falso testemunho”, “não abusar da sexualidade” valem para as pessoas de todas as culturas e de todas as camadas sociais.

**IHU On-Line - Então, é só o libertinismo que prejudica a recepção do Ethos mundial?**

Hans Küng - Não, também a prejudica um rigorismo que identifica imediatamente qualquer norma moral com exigências rigorosas bem concretas, como as da doutrina moral católico-romana tradicionalista. Muitas pessoas rejeitam a autoridade moral da Igreja católica porque dela se abusou demasiadamente para todas as possíveis prescrições concretas, tanto na moral sexual como também na disciplina eclesiástica.

**IHU On-Line - É possível uma Ética Mundial, mesmo “minimalista”, sem que se pressuponha um núcleo de**

---

<sup>23</sup> As quatro diretrizes, solenemente proclamadas em 1993 no Parlamento das Religiões Mundiais, são: Não violência e respeito por toda forma de vida; Solidariedade e ordem econômica justa; Tolerância e lealdade de vida; e Igualdade de direitos e entre os sexos. (*Nota da IHU On-Line*)

**ordem natural, como o direito natural ou a teologia natural?**

**Hans Küng** - O Projeto de uma Ética Mundial atua mais empiricamente, enquanto se questiona as tradições religiosas e filosóficas da humanidade sobre esses critérios básicos e se vê que felizmente eles são confirmados por toda parte. O tradicional direito natural é pouco apropriado para isso: é verdade que ele tem atrás de si uma grande tradição greco-escolástica, mas padece há tempo sob dois percalços:

1. Ele é encarado de maneira demasiado estática e não faz jus ao constante desenvolvimento ulterior, também da moral.

2. Abusou-se dele com frequência, para, por exemplo, em questões da moral social e sexual, fixar determinadas normas que se desenvolveram historicamente como sendo de direito natural. Acima de tudo, foi prejudicial que se tenha estigmatizado como imoral qualquer meio anticoncepcional, porque seria “*contra naturam*”. Uma ética contemporânea quase não fala da natureza, porém da pessoa ou do indivíduo humano. Por isso, no Ethos mundial - tanto no que se refere aos direitos humanos como também aos deveres humanos - a dignidade humana está em primeiro plano; ela é a base da moral.

***IHU On-Line* - Que sentido podem manter essas quatro diretrizes, se delas for tirada a fundamentação cultural e/ou religiosa?**

**Hans Küng** - Como são fundamentadas as normas elementares da humanidade é uma questão secundária. Elas podem ser fundamentadas por uma religião ou por

determinada filosofia ou também de maneira pragmático-humanista. Para poder conviver de maneira prática, é preciso unificar-se em relação às próprias normas, porém não em relação à sua fundamentação.

***IHU On-Line* - Como dialogam o Projeto da Ética Mundial e a democracia?**

**Hans Küng** - O Projeto da Ética Mundial já pressupõe todas as diferenças que de fato existem na sociedade mundial em perspectiva múltipla. Seria ilusório pensar que poderíamos eliminá-las todas. Antes, é mais importante que pessoas e grupos humanos, que nações e também toda a sociedade humana possam conviver pacificamente, embora os indivíduos e grupos se diferenciem uns dos outros por múltiplas diferenças. Um ordenamento democrático deve, para poder funcionar, pressupor valores éticos básicos que ele próprio não pode criar.

## Os limites de uma ética planetária

POR PAUL VALADIER

*Convidado pela revista IHU On-Line a responder algumas questões relacionando o Projeto de Ética Mundial de Hans Küng e o seu impacto na sociedade, o filósofo francês Paul Valadier, SJ, enviou-nos o texto exclusivo a seguir, por e-mail. Nele, Valadier defende que, “ao invés de procurar uma hipotética base comum, forçosamente muito frágil ou somente consensual nas palavras, convém antes encarar as nossas diferenças e não procurar apagá-las. A paz e o entendimento só podem nascer da consciência compartilhada de nossas (legítimas) diferenças, tal é o mundo pluralista no qual nós devemos viver e no qual é preciso procurar paz e concórdia entre todos os povos e todas as religiões”. Mais adiante, ele argumenta que, “além de seu aspecto fabricado, construído e artificial, o risco de uma ‘ética planetária’ consiste igualmente em minimizar a diversidade das culturas, cedendo à tendência atual e acrítica de encontrar pontos comuns, independentemente das mil maneiras de viver a vida humana e de honrar a pessoa em sua dignidade. Entra-se num acordo sobre princípios abstratos, porém se esquece o terreno sobre o qual se forma e cresce a consciência moral ou a razão prática, a saber, a diversidade irreduzível das culturas e das tradições religiosas”.*

*Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista Études e é autor de uma vasta bibliografia. De seus livros, citamos L’anarchie des valeurs (Paris: Albin Michel, 1997); Nietzsche l’intempestif, Beauchesne (Paris, 2000); e La condition chrétienne, être du monde sans en être (Paris: Le Seuil, 2003). Entre suas obras publicadas em português, destacam-se Elogio da consciência (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001); Um cristianismo de futuro: para uma nova aliança entre razão e fé (Lisboa: Instituto Piaget, 2001); e A moral em desordem: um discurso em defesa do ser humano (São Paulo: Loyola, 2003). Na edição 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, concedeu a entrevista “Investidas contra o Deus moral obsessivo”, republicada nos Cadernos IHU em formação edição nº 15, de 2007, que tem como tema O pensamento de Friedrich Nietzsche. Na edição 220, de 21-05-2007, concedeu a entrevista “O futuro da autonomia, política e niilismo”. Foi um dos conferencistas e palestrantes de minicurso no Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, realizado de 21 a 24-05-2007. Em 23-05-2007, Valadier falou sobre “A moral após o individualismo”, e em 24 de maio proferiu a conferência de encerramento do Simpósio, falando sobre “O futuro da autonomia, política e niilismo”. Em 27-05-2007, publicamos nas Notícias do Dia do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, a entrevista exclusiva que Valadier concedeu à IHU On-Line, sob o título “A esquerda francesa está perdida”. Publicou o artigo “A moral após o individualismo: a anarquia dos valores”, nos Cadernos Teologia Pública número 31. O material também está disponível na edição 221 da IHU On-Line, de 28-05-2007.*

Para responder corretamente às questões colocadas, seria preciso ter uma idéia precisa da ética planetária que propõem Hans Küng e seus amigos do “Parlamento das religiões do mundo”. Trata-se de uma ética minimalista ou da definição de um núcleo comum às grandes religiões mundiais? Embora se trate, no Manifesto por uma ética planetária (Chicago, 1993), de um “acordo mínimo concernente a valores constringentes”, parece que a investigação conduz à idéia de que as religiões “compartilham de um núcleo comum de valores essenciais em sua doutrina”. Não se trata, pois, de um mínimo, mas de uma base “incontornável e necessária” a todos os domínios da vida e, sobretudo, na perspectiva de uma “ordem mundial duradoura”.

Ora, podemos interrogar-nos legitimamente sobre a consistência de tal base e sobre a realidade de uma comunidade de perspectivas e de princípios que esta Ética Mundial pressupõe. Existe realmente tal base? Será verdade que todas as religiões podem chegar a um acordo sobre uma base comum, independentemente de sua doutrina e, portanto, de sua concepção do mundo, do homem e de Deus? Vai esta base além de uma profissão intelectual e teórica de alguns princípios gerais, mas concretamente vazios ou de tal modo ambíguos que cada um dará às palavras um conteúdo bem diferente, segundo o sistema de pensamento que lhe é próprio? Neste caso, ao invés de permitir entendimento e concórdia, esta base totalmente formal corre o risco de acarretar incompreensões ou falsos acordos. As pessoas acreditam entender-se sobre termos ou sobre princípios, mas cada uma lhes dá um sentido diferente segundo sua visão do mundo. Por exemplo, para citar apenas o cristianismo e o islã, será certo que dos dois lados se tenha o mesmo sentido da pessoa em sua relação à comunidade (religiosa e política)? Será seguro que se possa chegar a uma base comum entre o Deus único e o Deus trinitário? Haverá acordo possível na

relação entre a esfera política e a esfera religiosa, já que o cristianismo afirma com força uma distinção dos Reinos (portanto, do temporal e do espiritual) que o islã recusa como fraqueza e para o qual esta distinção tem, quando muito, um valor de oportunidade, sem fundamento numa doutrina que privilegia a Umma? Será que a liberdade religiosa é entendida da mesma forma aqui e lá, ou ela é um erro para o islã, ou seja, um desrespeito a Deus? Poder-se-iam multiplicar os exemplos.

### **Encarar as diferenças sem apagá-las**

Eu concluo que, ao invés de procurar uma hipotética base comum, forçosamente muito frágil ou somente consensual nas palavras, convém antes encarar as nossas diferenças e não procurar apagá-las. A paz e o entendimento só podem nascer da consciência compartilhada de nossas (legítimas) diferenças, tal é o mundo pluralista no qual nós devemos viver e no qual é preciso procurar paz e concórdia entre todos os povos e todas as religiões.

Uma parte do questionário (e isto é igualmente implícito no Manifesto por uma ética planetária) deixa entender que se poderia formular uma ética nova e adaptada ao nosso tempo. Mas a ética não se inventa; ela não é o produto refinado de cérebros inteligentes, generosos e competentes. Ninguém seguiria tal ética ou moral, mesmo se elaborada em algum “Parlamento”, até mesmo planetário. Uma ética é feita para ser vivida, para informar a vida das pessoas e dos povos. A ética evolui certamente segundo as épocas, as experiências feitas, a influência de certas correntes de pensamento (utilitarismo, relativismo etc.), mas fundamentalmente os homens, a encontram nos costumes, nas tradições recebidas, nas diversas culturas e religiões, sob as prescrições da consciência pessoal que, afinal, decide por si só, sem procurar suas referências em manifestos ou escritos teóricos. O próprio Kant, a quem se censurava por haver inventado uma nova moral, afirmava com força

que ele evidentemente nada inventara, mas que ele tentara, em sua obra filosófica, formalizar os princípios orientadores da boa vontade, acessíveis a toda razão ou a toda consciência certa. Sem dúvida, ele minimizava a importância e o alcance de sua formalização (insistência na boa vontade, valorização do dever, crítica da idéia de felicidade etc.). Não obstante, sua recusa é justa: ele não descobriu uma nova moral nem pretendeu acrescentar princípios sem precedentes à consciência comum; ele tem razão em pretender que tal tarefa estaria fora de seu alcance.

Além de seu aspecto fabricado, construído e artificial, o risco de uma Ética Mundial consiste igualmente em minimizar a diversidade das culturas, cedendo à tendência atual e acrítica de encontrar pontos comuns, independentemente das mil maneiras de viver a vida humana e de honrar a pessoa em sua dignidade. Entra-se num acordo sobre princípios abstratos, porém se esquece o terreno sobre o qual se forma e cresce a consciência moral ou a razão prática, a saber, a diversidade irreduzível das culturas e das tradições religiosas.

Fica bastante evidente que, numa época em que cresce a consciência de nossa comum humanidade, de nossa solidariedade além de todas as diferenças, não seria em vista do meio ambiente ou por causa da onipresença de violências de toda sorte que vamos encontrar os meios de viver juntos e, se possível, de viver bem. Cabe a cada religião interrogar-se sobre si própria e sobre sua aptidão em não favorecer os fanatismos, mas, ao contrário, em convencer os seus fiéis do respeito ao outro e a qualquer outro, educando-os para uma justa tolerância com aquele que deles difere. Neste aspecto, as atuais tentações fundamentalistas de retorno desconfiado sobre si não são encorajadoras: elas estão presentes em todas as religiões sob uma forma ou outra, mas, é preciso ousar dizê-lo, é particularmente o caso do islã e daquilo que ele promove, o islamismo.

### A necessidade de um direito internacional

De maneira bem concreta, parece-me que é preciso dar bastante importância ao desenvolvimento de um direito internacional, sancionado por tribunais dotados de reais poderes de julgamento e de coerção. A via jurídica, que continua amplamente a ser inventada, é certamente mais segura do que a de uma Ética Mundial sonhada e efetivamente não compartilhada enquanto tal. Sem dúvida, não podemos iludir-nos sobre a viabilidade dessa perspectiva jurídica: basta constatar que uma “grande Nação”, como os Estados Unidos, fundada sobre os princípios da democracia e dos Direitos do homem, dela se dispensa abertamente segundo seus interesses, ou segundo a arbitrariedade de sua administração, e que ela exhibe atualmente a pretensão extremamente preocupante de se posicionar acima dos princípios do direito e da moral. Mas estas tendências aberrantes devem ser combatidas pela arma do direito e, não é por serem múltiplos os obstáculos para um povo que deveria respeitar, mais do que nenhum outro, os Direitos humanos, que é preciso desesperar. Na medida em que as religiões monoteístas têm pretensões de universalidade, elas podem contribuir de maneira eminente ao fortalecimento da comunidade internacional e de seu direito, não buscando hipotéticas bases comuns, mas encontrando-se na vivacidade de sua contribuição e, como dizia Paul Ricoeur<sup>24</sup>, no “conflito das interpretações”. Mais genericamente, existe a tendência de esperar um avanço da consciência coletiva dos povos, mesmo que o fortalecimento desse avanço exija muito tempo, tempo durante o qual as violências multiplicadas ensinarão a todos, esperemo-lo, a única via razoável: a da cooperação num direito internacional reconhecido por todos e sancionado como todo direito. O sangue derramado educará, talvez, os povos para a sabedoria.

---

<sup>24</sup> Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo e pensador europeu do período pós-guerra. Estabeleceu uma ligação entre a fenomenologia e a análise contemporânea da linguagem através da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. (Nota da *IHU On-Line*)

## “A ética planetária não pode limitar-se a um único modelo”

ENTREVISTA COM DENIS MULLER

*Sob o ponto de vista do teólogo suíço Denis Müller, “a Ética Mundial não pode limitar-se a um único modelo. Ela deve tornar-se mais dialógica, menos monológica, menos idealista”. Questionado sobre quais seriam os progressos que as religiões poderiam obter a partir de uma visão pluralista desse tipo, enfatizou: “O maior progresso que cada religião poderia fazer é o de amar o humano do homem no próprio coração de Deus, e não fora dele. Isto significa também repensar o mistério de Deus, captar melhor e viver o elo entre Deus e o amor. É deixar de fazer de Deus um supersujeito, um mega-ator da história e da política, e compreendê-lo como ausência de violência e reconciliação no coração das nossas violências, da violência do mundo, da dureza do nosso coração”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, com exclusividade.*



*Müller é licenciado em Teologia pela Universidade de Neuchâtel, com estudos avançados em Basileia, Munique e Tübingen. Doutorou-se em Teologia também pela Universidade de Neuchâtel, com a tese Palavra e história. Diálogo com W. Pannenberg (Genebra: Labor e Fides, 1983). Leciona ética teológica na Faculdade de Teologia e Ciência das Religiões da Universidade de Lausanne desde 1988. É diretor do curso de formação contínua em ética do trabalho social (IES-EESP-UNIL), bem como membro da Societas Ethica (Sociedade Européia de Ética) e da Academia Internacional das Ciências Religiosas de Bruxelas. Atua, também, como membro do Comitê do Departamento Interfaculdades de Ética da Universidade de Lausanne. Publicou dezenas de artigos em revistas especializadas. Confira a entrevista.*

**IHU On-Line** - De que modo um projeto, nos moldes da Ética Mundial proposta pelo teólogo alemão Hans Küng, o qual preconiza uma ética minimalista, pode encorajar o diálogo inter-religioso e a tolerância entre os povos?

**Denis Müller** - A Ética Mundial é justamente um projeto, somente um projeto. É pondo-nos a caminho, projetando-nos no futuro, aceitando a discussão e o debate críticos que nós descobriremos as chances de uma ética realmente universal, compartilhável por todos, reconhecendo a humanidade de todos e de cada um.

**IHU On-Line** - Quais são os progressos que as religiões poderiam obter a partir de uma visão pluralista desse tipo?

**Denis Müller** - O maior progresso que cada religião poderia fazer é o de amar o humano do homem no próprio coração de Deus, e não fora dele. Isto significa também repensar o mistério de Deus, captar melhor e viver o elo entre Deus e o amor. É deixar de fazer de Deus um supersujeito, um mega-ator da história e da política, e compreendê-lo como ausência de violência e reconciliação no coração das nossas violências, da

violência do mundo, da dureza do nosso coração.

**IHU On-Line - Considerando o Projeto de Ética Mundial e sua ética minimalista, poderíamos entrever uma solução para o relativismo ético e o fundamentalismo da sociedade pós-moderna?**

**Denis Müller** - Eu não penso que o Projeto de uma Ética Mundial seja em favor de uma ética minimalista, mas que ele visa antes uma ética otimizada em sua intensidade, em sua exigência e em seu rigor (isso vem de Kant<sup>25</sup>, sem dúvida nenhuma). O que deve ser mínimo é a concentração formal em imperativos comuns e reconhecidos, mas este ideal só pode ser atingido ao preço de um esforço pessoal constante, através de um comportamento, um *ethos* livre e engajado, jamais ao preço de uma simples formulação mágica e “passe-partout”. Parece-me, pelo menos, que é preciso resistir a essa interpretação demasiado escolar e demasiado tentadora de uma ética planetária reduzindo-se a uma aparência de aflição ou a um modo de emprego. Eu constato que, com freqüência, é a isso que se corre o risco de conduzir a Ética Mundial. Só se pode evitar esse

---

<sup>25</sup> Emmanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para *download* na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

risco na condição de aprofundar, ampliar e humanizar ainda mais o projeto, dando lugar, neste processo pedagógico e político em curso, a um debate de idéias mais exigente e mais aberto. A Ética Mundial não pode limitar-se a um único modelo. Ela deve tornar-se mais dialógica, menos monológica, menos idealista.

**IHU On-Line - Qual é o lugar da religião numa sociedade deste tipo?**

**Denis Müller** - As religiões existem na pluralidade e no diálogo, e somente uma sociedade democrática secular, ciosa de pluralismo e de reciprocidade, pode dar lugar ao fato religioso em sua complexidade. Deste ponto de vista, penso que é preciso resistir aos reflexos nostálgicos daqueles que querem retornar a uma religião originária, a um cristianismo do primeiro milênio, a uma Igreja primitiva idealizada, a uma re-teologização massiva e reacionária do mundo secular e da modernidade que são nossos.

**IHU On-Line - E que ética é possível e desejável neste contexto?**

**Denis Müller** - A ética mais desejável é sempre aquela que dá sua chance a cada ser humano em sua singularidade: homem, mulher, criança, branco, preto, moreno, rico, pobre, frágil, religioso, ateu: uma fisionomia e um destino únicos. Esta ética não existe em parte alguma sob forma acabada. Ela nos espera a cada manhã, como desafio infinito, como apelo terrível, mas também como chance magnífica. A ética é algo a ser sempre recomeçado, reinventado, concretizado. Ela é a ética do outro homem e da outra mulher, de meu próximo mais próximo e do desconhecido que me espera numa encruzilhada inesperada de minha vida ou do planeta.

**IHU On-Line - Alguns teóricos apontam um problema fundamental na ética de Hans Küng, como o de estar**

assentada no conceito de religião e de Deus, racionalmente indemonstráveis. Assim, a ética seria apenas fruto de uma pura crença. Então, como podemos fundar uma ética em face do aumento da secularização a que assistimos?

Denis Müller - É incontestável que, na forma que lhe deu Hans Küng, o modelo da ética planetária permanece fortemente marcado por uma forma católica (e católica romana) de pensar a unidade do mundo e da realidade. É, aliás, inteiramente em honra do grande teólogo católico que ela permanece, a favor e contra tudo. Mas, a meu ver, isso em si não constitui uma objeção contra a visão de uma ética realmente universal, no sentido que se pode dar a esta expressão na linha de autores como Emmanuel Kant e Jürgen Habermas<sup>26</sup>. Com Kant, é preciso sublinhar que uma ética universal tem o estatuto de um ideal normativo, de um reino dos fins, de certo modo, e que só se pode cumprir no mundo e no planeta terra ao preço de uma constante reafirmação de sua verdade. Ora, a verdade ética última da humanidade é, por definição, uma verdade contrafactual e, portanto, simultaneamente teleológica e escatológica. A cota programática e declarativa do modelo küngiano da Ética Mundial só tem sentido na condição de compreendê-lo como caminho de pertença, de fidelidade a si mesmo, de coerência, como a movimentação de um comportamento prático orientado para os outros, ao todo do mundo, e

---

<sup>26</sup> Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias do dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

tudo junto de si. Trata-se realmente de um comportamento (*ethos*), ressoando no mundo e por todo o mundo. Ela não é uma “ética planetária” (a tradução francesa de “*Weltethos*” é inadequada, sob este ponto de vista), no sentido de uma doutrina ética que todo o mundo deveria aceitar e que repousaria no Deus da verdadeira religião (e então também da religião cristã em sua essência). O comportamento mundano (*weltliches Ethos*) é o fato de homens e de mulheres singulares, de indivíduos responsáveis, de cidadãos minúsculos, de testemunhas singulares que não saberiam fundir-se na massa anônima de uma mundialização abstrata e desumana.

Mas justamente porque esta ética aplicada, esta metanóia concreta, permanece pessoal e singular, ela não se confunde jamais com um sistema, com uma teoria, com uma formulação fechada da verdade. Então, sempre haverá lugar, neste planeta homicida e ferido que é o nosso, para a partilha, para a descoberta, para a contradição, para uma ética da discussão (no sentido de Jürgen Habermas e de Jean-Marc Ferry<sup>27</sup>), com ou sem Deus, segundo a vocação e a disponibilidade de cada um e de cada uma, mas sempre num respeito infinito do outro. O mistério da pessoa e de sua comunicação com as outras pessoas, por toda a parte sobre o planeta, é a verdade última do *Weltethos*. Não se trata de um fechamento dogmático e casuístico num minimalismo moral, mas de uma dinâmica de partilha e de debate, no respeito do pensamento e dos sentimentos do outro. Trata-se de uma não-violência prática, de uma tolerância otimizada, de uma aceitação do pluralismo e do relacionamento mútuo de tudo o que constitui a universalidade do nosso estar juntos. Não há, pois, verdadeira secularidade nem verdadeira laicidade, nem

---

<sup>27</sup> Jean-Marc Ferry (1946): filósofo francês. É professor de Ciências Políticas e de Filosofia na Universidade Livre de Bruxelas, na Bélgica. Seu mais recente livro é *Filosofia da Comunicação*, publicado pela editora Fenda Edições, de Lisboa, em 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

universalidade concreta, a não ser na aceitação da pluralidade das religiões e das convicções humanas, incluindo os agnosticismos e os ateísmos. A concepção atual da ética planetária sofre, sem dúvida, sob este ponto de vista, por não ter mensurado a importância de fazer a paz com o ateísmo no próprio coração das religiões, mas numa livre discussão com todas as formas deste ateísmo. Pois o ateísmo também se torna, por vezes, intolerante e absoluto, dogmático e redutor. Pode-se vê-lo, na França, na postura intransigente de certos gurus da teologia e do laicismo revanchista.

***IHU On-Line* - Küng afirma que não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Quais são os progressos neste sentido que o senhor percebe atualmente?**

**Denis Müller** - Eu gostaria de precisar, de minha parte, que a paz entre as religiões não significaria o desaparecimento dos conflitos hermenêuticos legítimos entre as religiões e no seio das religiões. Por exemplo, sobretudo a paz confessional entre o catolicismo e o protestantismo cresceu, nestes últimos cinquenta anos, pelo fato de cada vez mais leigos católicos e, com frequência, também teólogos, terem a coragem de se opor ao autoritarismo e à capa de chumbo que o magistério e a cúria tendem a impor. A coragem é sinal de esperança, enquanto o silêncio, a covardia, a hipocrisia entretêm a desconfiança e suscitam a violência, até mesmo verbal ou psicologicamente. Do lado protestante, ao contrário, como constato com frequência, há uma falta de autocrítica, uma satisfação bem-aventurada de si, um anticatolicismo primário, ligados muitas vezes a uma ignorância crassa das realidades vividas pelos fiéis católicos. Quando protestantes ousam recolocar em questão suas próprias tradições e sair de sua boa consciência, eles se tornam criativos, imaginativos, livres e felizes.

***IHU On-Line* - De que modo a Filosofia e a Teologia dialogaram para procurar esta paz e o consenso entre os povos?**

**Denis Müller** - O diálogo da Filosofia e da Teologia é, em primeiro lugar, um diálogo dos homens e das mulheres de carne e sangue. Até agora, os filósofos e os teólogos fizeram, com demasiada frequência, parecer que eram os portadores de sistemas doutrinários e éticos estanques. A paz nasce antes do engajamento autêntico e honesto dos pesquisadores, seja qual for sua tradição, os quais se expõem a uma discussão aberta e que aceitam ser testemunhas de uma verdade que, ao mesmo tempo, os ultrapassa e os anima. A Filosofia e a Teologia deveriam tornar-se mais pessoais, mais responsáveis, mais existenciais. As universidades ainda têm que fazer grandes progressos, a fim de que a subjetividade, entendida no sentido mais belo e mais autêntico, seja, de certa maneira, a verdade, como o havia esboçado Soeren Kierkegaard<sup>28</sup> em sua época.

***IHU On-Line* - Pode o choque de civilizações, do qual fala Samuel Huntington<sup>29</sup>, ser evitado ou mitigado por**

---

<sup>28</sup> **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O conceito de ironia* (1841), *Temor e tremor* (1843) e *O desespero humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10 de abril de 2006, da *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>29</sup> **Samuel Huntington**: cientista social americano, professor na Universidade de Harvard. Publicou, entre outras obras, *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1997). Considerado o ideólogo do neoconservadorismo norte-

**uma ética que se baseie em premissas mínimas para o agir?**

**Denis Müller** - Eu não creio no choque das civilizações de que fala Huntington de maneira demasiado esquemática e ideológica. Antes de construir tal ficção, é preciso encarar com lucidez as contradições internas das civilizações, seu pluralismo bem-vindo, bem como a confrontação legítima das doutrinas, das crenças e das éticas no seio da realidade. O ideal de uma Ética Mundial só tem sentido, a meu ver, se ela resultar de uma dialética e de uma dinâmica que vá no sentido de um aprofundamento do diálogo entre as pessoas, os grupos sociais e culturais e as nações, em suas diferenças positivas e não somente naquilo que elas têm em comum. Neste sentido, é preciso ultrapassar as oposições ideológicas estereis entre um universalismo abstrato e um comunitarismo belicoso. Só pode haver uma comunidade mundial e uma paz universal na condição de um diálogo das tradições, das comunidades e dos estilos de vida. Nossas sociedades ocidentais são elas próprias mestiçadas e cruzadas, e não param de construir uma democracia viva, difícil, mas necessária.

**IHU On-Line - As três grandes religiões monoteístas têm consciência do impasse no qual se encontra a paz no mundo?**

**Denis Müller** - A paz é um processo permanente e um estado de equilíbrio instável. Ela deve ser o objeto incessante de nossos engajamentos e de nossas preocupações. Além disso, ela não se limita a uma trégua das armas ou a uma pura negação da violência. Para atingir a expressão de sua verdade última, ela também deve ser paz dos corações e das vontades, apaziguamento das consciências, reconciliação interior.

---

americano, enxerga a globalização como processo de expansão da cultura ocidental e do sistema capitalista sobre os demais modos de vida e de produção do mundo, que conduziria inevitavelmente a um “choque de civilizações”. (Nota da *IHU On-Line*)

Então, no fim de contas, a paz, o *shalom* bíblico, é uma promessa, um ideal escatológico, inacessível e necessário. Somente a partir de uma visão global da paz é que é possível examinar a posição real das três religiões monoteístas, através da diversidade de seus adeptos e de seus testemunhos. Conseqüentemente, eu também não creio que se possam fixar estas religiões numa espécie de imobilismo ideológico. As religiões vivem por seus adeptos e por seus testemunhos, pelo melhor e pelo pior. As religiões, como os seres humanos dos quais elas são expressão, são fundamentalmente ambivalentes.

# É impossível falar de moralidade do indivíduo contemporâneo

POR PAOLO FLORES D'ARCAIS

*Aceitando o convite feito pela IHU On-Line para participar do debate a respeito do Projeto de Ética Mundial de Hans Küng, o filósofo italiano Paolo Flores D'Arcais foi instigado pelas questões enviadas por e-mail e escreveu com exclusividade o artigo que segue, onde, sem meias palavras, dispara: “Seja, pois, dito claramente e sem diplomatar: enquanto todas as religiões, em todas as suas variantes e todos os seus matizes não aceitarem plenamente e sem reservas mentais a mais rigorosa laicidade, em síntese, elas não só não poderão dar uma contribuição à paz e à liberdade (e à Ética Mundial que também Küng quereria), mas no que diz respeito aos valores de que se faz referência nas perguntas (não violência, solidariedade, tolerância, autonomia, pleno exercício da igualdade de direitos) constituirão uma ameaça e um obstáculo”. Para ele, não é possível falar da moralidade do indivíduo contemporâneo, “visto que tipos muito diversos de moralidade estão presentes, entram em conflito, mas também convivem, com frequência dentro do mesmo indivíduo”. Em seu ponto de vista, o que é certo é que “a moral do sucesso a todo custo, que hoje nos fatos goza de uma expansão global, e que vem erradamente identificada com a moral laica e secular do desencanto, não só não realiza o triunfo do indivíduo, mas constitui até um enorme perigo para a democracia”.*

*D'Arcais é diretor da revista MicroMega, colaborador dos jornais El País, Frankfurter Allgemeine Zeitung e Gazeta Wyborcza. Professor e pesquisador na Faculdade de Filosofia La Sapienza, da Universidade de Roma, escreveu sua tese de doutorado sobre Adam Smith e Karl Marx. Considerado um dos mais importantes críticos da esquerda italiana, escreveu inúmeros livros, dos quais destacamos: Esistenza e libertà: a partire da Hannah Arendt (Genova, Marietti, 1990); Etica senza fede (Torino, Einaudi, 1992); L'individuo libertario: percorsi di filosofia morale e politica nell'orizzonte del finito (Torino, Einaudi, 1999); e Il sovrano e il dissidente (Milano: Garzanti, 2004). Confirma, nas Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), o artigo de Darcais “Uma cruzada obscurantista”, publicado em 07-07-2007, e a entrevista “A ditadura do relativismo é o horizonte do pluralismo”, publicada em 01-11-2006.*



Hans Küng sustenta há anos que a sobrevivência do nosso planeta está em perigo, a menos que nasça uma Ética Global, isto é, uma ética comum em nível mundial. O diálogo entre as religiões, indispensável para a paz, deveria, por isso, ocorrer através da autocrítica de cada uma delas e da capacidade de valorizar como fundamental precisamente os ensinamentos que elas têm em comum com a Ética Mundial.

Para Küng, isto seria possível, visto que o coração da nova Ética Mundial deveria ser a famosa *regra áurea*: “não fazer aos outros o que não querias que fosse feito a ti” (eventualmente na versão positiva “faz aos outros o que querias que os outros fizessem a ti”), regra que, segundo Küng, todas as religiões, de modo mais ou menos evidente, sempre proclamaram e reconheceram.

Na realidade, Küng sabe bem que muitas religiões, e certamente o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, junto à tal *regra áurea*, proclamaram Verdades e ensinamentos também opostos a ela, e que tais Verdades e ensinamentos até inspiraram a prática destas religiões muito mais do que o famoso “não fazer aos outros...”.

Precisamente em virtude de tal consciência, Küng, de resto, solicita às religiões uma autocrítica. Küng pede, em substância, que cada religião reconheça a contradição insanável entre a *regra áurea* e demais outras Verdades e ensinamentos dos próprios dogmas e das próprias práticas, e, ao reconhecer tais antinomias, cada uma escolha segundo a *regra áurea* e renuncie a tudo quanto, no próprio patrimônio dogmático, teológico, moral e cultural, entra em colisão com tal regra.

Küng sabe muito bem que a mais fácil - e certamente bastante fundada - objeção ao seu projeto é o caráter utópico de uma autocrítica tão radical da parte das grandes religiões que hoje são

muito difundidas em grande parte do mundo. As religiões, como de resto todas as ideologias convencidas de representarem a Verdade maiúscula e definitiva (sobre a vida, sobre a natureza, sobre a história, sobre a moral: e as religiões acrescentam a isto Deus e o Além), são estruturalmente incapazes de tal autocrítica que assinalaria o seu fim, porque as constringeria a reconhecerem sua presumida Verdade como simples opinião.

Mas quero transcurar este tipo de crítica, porque o empenho de Küng (ou, se quisermos, o *realismo* de sua “utopia”) se baseia num fato igualmente incontestável: se as religiões não escolherem a via ecumênica (e, por conseguinte, de uma radical autocrítica) correm realmente o risco de desaparecer, porque uma guerra de religiões, como a que se prenuncia, significa guerra *tout court*, portanto guerra nuclear, e portanto, destruição definitiva da humanidade e de todas as suas religiões. Küng aposta, pois (precisamente no sentido do “desafio” de Pascal<sup>30</sup>) no instinto de sobrevivência das religiões.

#### Autonomia x lei moral natural

Procuro assumir esta esperança, embora eu seja muito menos otimista do que Küng, e, por conseguinte, procuro ver quais são os principais obstáculos no caminho que Küng almeja. Partirei de Bento XVI<sup>31</sup>, civilmente Joseph Ratzinger, embora de

<sup>30</sup> **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> **Joseph Ratzinger**: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido pontífice em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Anteriormente, era o Cardeal Joseph Ratzinger. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, *Introdução ao cristianismo* está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da *IHU On-Line*)

outras religiões provenham perigos ainda maiores para a democracia e a paz. Mas a religião católica é a religião na qual, tanto Küng como eu, como os redatores desta revista nascemos (mesmo que depois os nossos caminhos tenham se tornado diversos), e é, pois, aquela que conhecemos melhor e que mais de perto nos diz respeito.

O discurso do papa Ratzinger em Regensburg, embora se tenha tornado famoso pelas violentas reações que provocou numa parte do islã, constituía, na realidade, o manifesto de uma nova “Santa aliança” contra o iluminismo, a modernidade, o desencanto. Para Ratzinger, como de resto para Wojtyła, o iluminismo é a matriz e o alambique de todos os males, porque a idéia da *autonomia do homem*, isto é, do homem que se dá a si mesmo a própria lei (*autos nomos*), constitui a verdadeira revolta contra Deus e portanto o Mal, no sentido em que o Mal é personificado no Demônio: Satanás etc. A partir do iluminismo, com sua “estrutura de pecado” (como escrevia o cardeal de Paris, Lustiger), com a pretensão do homem de ser o “dono e senhor” da norma, se acaba necessariamente no niilismo. E é por causa da pretensão “insensata” e “desumana” (segundo Wojtyła e Ratzinger) do homem à liberdade entendida como autonomia, ao invés da *obediência* à “lei moral natural”, que o século passado tem sido o século dos totalitarismos.

Ratzinger propõe, por isso, esta “Santa aliança”, não só às grandes religiões, mas também a uma parte de quantos se declaram céticos, agnósticos ou até mesmo ateus. Àquela parte disposta a comportar-se no cenário público (isto é, na discussão e promulgação das leis do Estado) “sicut Deus daretur”, como se Deus o fizesse. Porque somente a referência à Sua vontade transcendente, e, portanto, ao valor absoluto da “lei moral natural” poderia salvar as democracias atuais da crise na qual

se encontram, crise de valores, crise de niilismo, como temos visto. (Ratzinger, no fundo, não faz senão solicitar aquilo que uma parte do iluminismo mais extremo, o dos ateus “libertinos”, já praticou e teorizou: manter privadas as próprias descobertas atéias, porque, se tornadas públicas, difundidas entre o vulgo, teriam feito desabar o edifício das obediências sociais).

Com esta proposta, Ratzinger rompe completamente a arquitrave sobre a qual se construiu a modernidade, há mais de quatro séculos até agora, para arrancar a Europa da autodestruição de uma série ininterrupta de guerras de religiões atualmente endêmicas. A fórmula de Grócio<sup>32</sup> recita, de fato, que na vida pública, entre os Estados (e depois no interior dos Estados, por uma evolução lógico-histórica irrefreável), é preciso comportar-se “etsi Deus non daretur”. Prescindindo de Deus, já que cada um tem a sua interpretação de Deus e, então, a vida política se transformaria num ininterrupto ordálio. Através do uso da razão, que é comum a todos. Através de acordos, pactos, convenções.

A solicitação de que a Constituição europeia reconhecesse explicitamente as raízes cristãs do Continente (e de sua atual Comunidade política com suas respectivas instituições) representava, por isso, somente um elemento de uma estratégia mais ampla. Mas esta própria solicitação demonstra quanto seja impraticável a “Santa aliança” que Ratzinger tem em mente.

---

<sup>32</sup> Hugo Grócio (1583-1645): filósofo, dramaturgo, poeta e jurista holandês. Aos oito anos de idade, já compunha versos. Com 11 anos, ingressou no curso de Direito da Universidade de Lyden, na Holanda. Em 1613 foi promovido a Governador da cidade de Rotterdam, o que lhe dava assento nos Estados da Holanda e nos Estados Gerais dos Países Baixos Unidos. Sua obra mais conhecida é *De iure belli ac pacis* (*Das leis de guerra e paz*, 1625), no qual aparece o conceito de *guerra justa* e do direito natural. (Nota da IHU On-Line)

Nela, de fato, os vários indivíduos não têm autêntica e *igual* dignidade. Porque não possuem de modo igual a Verdade, a qual por sua natureza é Una (a Verdade é um Deus cioso!). Somente a Igreja Católica apostólica romana possui a Verdade de modo eminente, completo. As outras confissões cristãs e as outras religiões somente de modo mais ou menos parcial. Para não falar dos não crentes, que aceitam os valores católicos por razões político-culturais (portanto contingentes e aleatórias).

### **O catolicismo de Ratzinger é incompatível com a democracia**

Ratzinger, em suma, não pode renunciar ao primado teológico e doutrinal da Igreja de Roma, da qual descendem de resto as outras pretensões (estrutura hierárquica e dogmática), que são um obstáculo ao diálogo ecumênico entre cristãos. Se renunciasse a isso, o catolicismo não só perderia a fisionomia que o caracteriza há séculos, mas as divisões profundíssimas que o agitam na base se desencadeariam num “efeito avalanche”. Em síntese, o catolicismo se dissolveria no caleidoscópio dos cristianismos reformados e plurais.

Não é por acaso que a pretensão da Igreja católica ao monopólio da Verdade religiosa faça um todo com sua doutrina, reafirmada sistemática e obsessivamente por Ratzinger, segundo o qual somente o catolicismo é uma religião plenamente “de razão”, uma religião “do Logos”. A fé católica (e somente esta), portanto, não só não estaria em contraste com a razão, mas constituiria o aperfeiçoamento e a efetivação da própria razão.

Esta doutrina torna o catolicismo de Ratzinger incompatível com a democracia. De fato, se a moral católica é obedecida não simplesmente porque querida e revelada por Deus, mas também, sobretudo porque é a única “natural” e “racional”, é

evidente que toda legislação deverá dobrar-se ao Diktat moral da Santa Sé, porque, caso contrário, as leis do Estado seriam contra a natureza, desumanas e irracionais (dignas, portanto, do hospital psiquiátrico).

Em plena coerência com esta doutrina, o Papa Wojtyla, no decurso de uma viagem sua à Polônia, declarou que seria *ilegítimo* o parlamento polaco, se tivesse adotado uma legislação sobre o aborto desconforme àquela querida pelo Vaticano. E tratava-se do primeiro parlamento polonês livremente eleito após meio século de comunismo! Uma fé religiosa que pretenda encarnar também a razão é, por isso, incompatível com a democracia, fundada sobre o princípio do *autos nomos*, da soberania dos cidadãos que decidem a lei: após um confronto entre *livres* opiniões, argumentado logicamente a partir de um núcleo mínimo de valores, os da igual dignidade e liberdade de cada um (desde que não impeça a liberdade do outro). Esta incompatibilidade torna-se atualmente visível a cada dia, não apenas tratando-se de aborto, divórcio, contracepção, experimentação em células estaminais, eutanásia, e todo o conjunto (crescente) de problemas de bioética que a lei é chamada a regulamentar. Para não falar do conflito permanente sobre o problema da educação (sobretudo na escola obrigatória), sobre o seu caráter público (republicano) ou privado (confessional) e os seus programas em termos de ensinamento religioso e de matérias científicas “sensíveis” (o darwinismo).

O caráter antidemocrático das pretensões de Ratzinger e da Igreja católica hierárquica constitui para a democracia moderna uma ameaça, um verdadeiro e próprio desafio obscurantista, uma tentativa de revanchismo clerical. Mas é evidente que o desafio islâmico da *sharia* constitui uma ameaça ainda mais grave e onerosa. E não só nas

versões extremistas e fundamentalistas (com seu séquito de terrorismo), mas também em todas as variantes consideradas (erradamente) “moderadas”, visto que também estas recusam aceitar até o fundo a separação entre religião e política e as liberdades individuais (*in primis*, o direito de igualdade das mulheres, mas também o direito das crianças a uma educação pública exposta ao pensamento crítico). Tivemos que constatar como também grande parte do islamismo “moderado” nega até a liberdade de opinião (vejam o filme de Theo Van Gogh<sup>33</sup> outros episódios recorrentes).

### Revanche do sagrado

Seja, pois, dito claramente e sem diplomatar: enquanto todas as religiões, em todas as suas variantes e todos os seus matizes não aceitarem plenamente e sem reservas mentais a mais rigorosa laicidade, em síntese, essas religiões não só não poderão dar uma contribuição à paz e à liberdade (e à ética mundial que também Küng quereria), mas no que diz respeito aos valores de que se faz referência nas perguntas (não violência, solidariedade, tolerância, autonomia, pleno exercício da igualdade de direitos) constituirão uma ameaça e um obstáculo.

Não é aceitável, por exemplo, que em nome da própria religião um cidadão se subtraia aos seus deveres elementares no confronto com outros cidadãos (deveres elementares, note-se, que são *menos* do que a solidariedade que justamente Küng

---

<sup>33</sup> Theo Van Gogh (1957-2004): Polêmico escritor e cineasta holandês. Face à religião, era especialmente crítico. Em 2004, produziu e dirigiu seu último filme *Submission*, uma crítica à situação das mulheres do Islã. Theo van Gogh, que tinha já recebido ameaças de morte, foi assassinado em Amsterdã em novembro de 2004, alegadamente por um fanático religioso muçulmano. No cadáver foi encontrada uma faca à qual o assassino atou uma folha de papel com versos do Alcorão. (Nota da *IHU On-Line*)

quereria). Além disso, na Grã Bretanha se verificaram casos de crentes que recusaram vender a pílula do dia seguintes, ou visitar (eram médicos) enfermos de sexo oposto. Com esta “lógica”, um enfermeiro testemunha de Jeová poderia recusar-se a fazer uma transfusão, deixando morrer exangue o paciente.

Não me parece, por isso, que estejamos vivendo numa época dominada pela “morte de Deus”. Vivemos, antes, num período de revanche do sagrado, nas formas mais diversas e espúrias (muitas das quais serão julgadas como “superstições” também pelas religiões mais difundidas). Esta necessidade do “sagrado” creio eu que seja o fruto da crise das democracias, no sentido específico (e, em geral não tematizado e até *removido*) das *promessas não mantidas* pelas democracias.

A democracia promete, de fato, a todos os cidadãos igual participação na *soberania*. Não a igualdade econômica ou social, mas certamente a igualdade da liberdade. Mas tal igualdade de liberdade/poder permanece, para a absoluta maioria dos cidadãos, uma pura quimera. Não posso adentrar-me aqui numa análise detalhada (remeto para isto ao meu “o soberano e o dissidente, ou então a democracia levada a sério”), mas até a democracia delegada se tornou com frequência uma democracia de todo  *fingida*, porque seqüestrada e monopolizada pelos aparelhos-máquina dos partidos, das ultra-potentes cadeias televisivas, do poder financeiro nas campanhas eleitorais, freqüentemente num perverso entrelaçamento e um “fare establishment” entre eles (para não falar da corrupção, das intimidações e de outras formas de ilegalidades do *establishment*).

Este retorno do sagrado, das religiões, das superstições, anda ao par com fenômenos de secularização tradicionais, para os quais a

contradição é com freqüência interna ao mundo dos crentes (também como pessoas individuais). Durante o jubileu do ano 2000, uma multidão entusiasta de jovens (muitas centenas de milhares) tributou em Roma, na esplanada de Tor Vergata, um verdadeiro e próprio triunfo ao Papa Wojtyla, que lançava anátemas contra a imoralidade de um sexo reduzido a consumismo. Mas, na manhã seguinte, naquela mesma esplanada, a limpeza urbana recolheu vagões de preservativos. E muitos dos mais severos e potentíssimos “custodes” da ortodoxia moral islâmica (na Arábia saudita, mas não só) se permitem precisamente aquele desenfreado hedonismo que eles punem nos seus súditos com sistemas realmente medievais.

#### Moralidade do indivíduo contemporâneo?

Não é, por isso, possível falar da moralidade do indivíduo contemporâneo, visto que tipos muito diversos de moralidade estão presentes, entram em conflito, mas também convivem, com freqüência dentro do mesmo indivíduo. No entanto, é certo, a meu ver, que a moral do sucesso *a todo custo*, que hoje nos fatos goza de uma expansão global, e que vem erradamente identificada com a moral laica e secular do desencanto, não só não realiza o triunfo do indivíduo, mas constitui até um enorme perigo para a democracia.

Indivíduo significa, de fato, existência irrepetível, autonomia consciente, isto é, para dizê-lo nos termos de Hannah Arendt<sup>34</sup>, possibilidade autêntica

<sup>34</sup> Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas

de ação. E a ação é o que põe no mundo o impensado, que subtrai o indivíduo e a coletividade à rotina do previsível, que realiza concretamente uma experiência de liberdade/poder. É, portanto, o oposto do con-formismo, e é até negada por todo conformismo. Ora, as nossas sociedades, que ainda se declaram individualistas (vangloriam-se de ser tais, ou são acusadas de serem tais) estão *saturadas* de conformismo. Por conseguinte, não são, de fato, sociedades de indivíduos, são sociedades de replicantes.

O iluminismo era certamente demasiado otimista, e nisto se iludia e enganava. Não basta “esclarecer” (“iluminar”) as mentes com a ciência e a educação para libertar o ser humano e torná-lo autônomo. Mas, isto não significa que devemos abandonar os ideais do iluminismo, o seu “sapere aude!” [ousa saber], o seu programa de autonomia do ser humano.

Ao contrário, devemos procurar realizá-lo verdadeiramente, reconhecendo que - em vista da autonomia - são necessárias pré-condições materiais e culturais igualmente distribuídas entre os cidadãos e que hoje, ao invés, são privilégio de poucos. Uma radical reforma social é até a pré-condição para que o conteúdo mínimo da democracia liberal (uma

---

obras, citamos *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas. 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, ambas disponíveis para *download* no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Os *Cadernos IHU em formação* número 17 tem o título *Hannah Arendt & Simone Weil - Duas mulheres que marcaram a Filosofia e a Política no século XX*. Nas *Notícias do Dia* de 01-12-2006, pode-se conferir a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny para nosso site. (Nota da *IHU On-Line*)

cabeça, um voto) não seja reduzido à ficção, mas seja princípio efetivo.

Um voto livre e igual para a autonomia de todos e de cada um, de fato, não é livre se condicionado pela violência (uma bala, um voto), pela corrupção (uma propina, um voto), pelo poder televisivo desigual (um spot, um voto), mas também pela frustrada ausência de instrumentos culturais (instrução e informação), e ainda mais pelas condições de pobreza que tornam vazia a palavra “autonomia”. Em todos estes casos, haveria o voto, mas não a “cabeça”, isto é, o indivíduo em condições de exercê-lo de modo autônomo. Não há voto livre sem uma sociedade livre da necessidade, pelo menos nos seus aspectos fundamentais, por conseguinte, uma sociedade com desigualdade limitada e com um bem-estar muito progressista. Exatamente o oposto de quanto acontece hoje na América Latina, na Ásia, para não falar da África, e que é posto em discussão também no mais rico Ocidente.

Levar a sério a idéia da autonomia não é, pois, nem otimista, nem pessimista, é *obrigatório*, caso se queira verdadeiramente uma sociedade democrática fundada sobre indivíduos (e não sobre uma ideologia “individualista”, isto é, sobre o conformismo proprietário e privilegiado). Isso perfaz uma coisa só com a luta por uma sociedade democrática, onde democracia signifique as liberdades de todos (e de cada um) e não uma restrita oligarquia.

A morte de Deus ou a revanche de Deus (ambos os fenômenos são hoje visíveis e se entrelaçam no

mundo globalizado) são a consequência precisamente das promessas não mantidas pela democracia. A laicidade, o indivíduo autônomo, tem necessidade de base materiais e culturais, de condições sociais, educativas, de pluralismo e imparcialidade da mídia, que sejam *institucionalizadas* (isto é, garantidas nas Constituições) e nutridas cotidianamente por políticas coerentes com tais valores.

Isto significa um reformismo radical no Ocidente e verdadeiras e próprias “revoluções” (espera-se que sejam pacíficas) no resto do mundo. As religiões podem certamente dar uma contribuição nesta direção. Ou mesmo, em sentido exatamente oposto (aquele da opressão, bem como da libertação). Depende de como os crentes interpretam a sua fé.

O projeto de Hans Küng realiza uma clara escolha por um tipo de fé ecumênica e plenamente respeitosa do princípio de laicidade na vida pública. Seu projeto implica, portanto, também uma “luta” no interior das várias religiões (e, em primeiro lugar do cristianismo, e ainda mais especificamente do catolicismo), para que nas religiões sejam derrotadas tendências ou tentações, hoje decididamente majoritárias, fundamentalistas, integralistas ou que pretendam ser não só fé, mas também razão.

É, por conseguinte, um projeto no qual crentes e laicos podem encontrar-se, mas que se choca com forças crentes e “laicas” hoje dominantes, cuja verdadeira “razão” e cuja verdadeira “fé” não são nem a fé, nem a razão, mas o privilégio.

## Afirmar o princípio da solidariedade, a ética do futuro

ENTREVISTA COM GIANNI VATTIMO

*“A Ética Mundial que nós ocidentais podemos propor e tornar comunitária é a ética cristã da caridade para com o outro, o próximo”, reflete o filósofo italiano Gianni Vattimo, na sexta entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Em sua opinião, “a ética do futuro deveria ser fundada num valor central, aquele de permitir a todos decidirem e realizarem o que para cada um é uma ‘vida boa’, sem a necessidade de confrontar-se com um modelo único. Obviamente, esta não é, para mim, uma resposta individualista absoluta”. Contudo, ele adverte: “embora aprecie e respeite o esforço de Küng, não creio que construir uma Ética Mundial, em termos filosóficos, seja hoje uma tarefa urgente; vejo antes a urgência de desconstruir os universalismos essencialmente imperialistas que nos oprimem. E, então, sou principalmente favorável a afirmar o princípio da solidariedade, que basta, como aquele da caridade, para qualquer vida comunitária”.*



*Internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”, Vattimo concedeu entrevista à edição 88ª da IHU On-Line, de 15-12-2003, uma segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, e uma terceira na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a IHU On-Line, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento Metamorfoses da cultura contemporânea. Nessa oportunidade ele falou sobre “O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo”, publicado na editoria Entrevista da Semana. Na edição Ser e tempo. A desconstrução da metafísica, nº 187, de 03-07-2006, falou sobre “O nazismo e o ‘erro’ filosófico de Heidegger”. Sua contribuição mais recente à IHU On-Line aconteceu na edição 225 da IHU On-Line, de 25 de junho de 2007, quando concedeu a Entrevista da Semana sobre Richard Rorty, avaliando seu legado filosófico. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003, e outro no número 80, de 20-10-2003. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra The future of religion, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos Más allá de la interpretación (Barcelona: Paidós, 1995); O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna (São Paulo: Martins Fontes, 1996); Introdução a Heidegger (Lisboa: Instituto Piaget, 1998); e Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000 (Barcelona: Paidós, 2002).*

**IHU On-Line - Que tipo de ética é possível e desejável num mundo tecnicizado, globalizado, sem um fundamento único que o coordene?**

**Gianni Vattimo** - A ética do futuro deveria ser fundada num valor central, aquele de permitir a todos decidirem e realizarem o que para cada um é uma “vida boa”, sem a necessidade de confrontar-se com um modelo único. Obviamente, esta não é, para mim, uma resposta individualista absoluta. Creio que as escolhas de cada um, se guiadas por suas necessidades e sua felicidade, também são sempre escolhas que implicam estar com os outros, com a própria família, os próprios concidadãos, os lugares aos quais estão afeiçoados. Portanto, não vejo neste princípio nenhum perigo de uma grande fragmentação. Antes, na imagem de vida boa que cada um tem em si, entram muito as necessidades da comunidade.

**IHU On-Line - Quanto ao Projeto de Ética Mundial de Hans Küng, quais são os limites e as oportunidades que oferece à sociedade ocidental? A solidariedade é o segundo princípio fundamental da ética kúnguiana. Como percebe este valor nos nossos dias e qual é o papel do cristianismo neste contexto?**

**Gianni Vattimo** - Na perspectiva da primeira resposta, estou convencido que hoje o problema não é tanto aquele de construir uma Ética Mundial, mas aquele de reconhecer a cada um, à comunidade, aos grupos, etnias, o direito-dever de serem aquilo que são, de seguirem os próprios costumes etc. Não o direi como princípio universal. Mas HOJE me parece que a mundialização é tão avançada que a ética é o reencontro do *ethos*, do costume compartilhado como aquele da própria língua. Que isto tenha, com frequência, produzido guerras e conflitos no

passado, segundo meu ponto de vista, depende antes das pretensões universalistas que algumas culturas têm querido impor, e que hoje são as leis do mercado. A ética universal que nós ocidentais podemos propor e tornar comunitária, é a ética cristã da caridade para com o outro, o próximo. Não basta? Creio que muitos pensem no problema de quem não é próximo no sentido estrito: os distantes, o embrião etc. Mas Jesus nos ensina sobretudo a amar aqueles que se “encontram”. E, respeitando-os em sua vida privada e no debate democrático, é que também podemos resolver, aos poucos, os problemas complexos da bioética. Também esta deve desenvolver-se com base no respeito interpessoal e na negociação concreta.

**IHU On-Line - Como pode este Projeto contribuir para uma ética na política e na democracia?**

**Gianni Vattimo** - Como eu disse, embora aprecie e respeito o esforço de Küng, não creio que construir uma Ética Mundial, em termos filosóficos, seja hoje uma tarefa urgente; vejo antes a urgência de desconstruir os universalismos essencialmente imperialistas que nos oprimem. E então sou principalmente favorável a afirmar o princípio da solidariedade, que basta, como aquele da caridade, para qualquer vida comunitária.

**IHU On-Line - Procurar uma ética nos moldes de Apel e Habermas, baseada numa perspectiva puramente formal, sem conteúdos que venham de situações históricas concretas, não seria recair no formalismo kantiano? Com resolver este obstáculo? Se uma ética mínima não fosse possível, como dar conta do relativismo e do niilismo que tomaria o seu lugar?**

**Gianni Vattimo** - A ética comunicativa de Apel e Habermas me parece fundamentalmente, como aquela de Kant, uma reformulação da ética kantiana. Ela insiste no respeito da lei somente porque, como explicita a segunda formulação do imperativo categórico, devo respeitar a humanidade em mim mesmo e nos outros em igual medida, somente por isso o universal é melhor, moralmente, do que as preferências e inclinações individuais.

Habermas, além disso, está preocupado pela fundação de uma prática política mundial, ou seja, de instituições como a ONU etc. Compartilho de sua posição sobre isto. Apenas sou cético quanto ao fato de que convenha uma filosofia para explicar aos políticos que coisa devam fazer. Enquanto não for tirado o poder de quem detém o dinheiro e as bases do domínio, de nada servirá inventar éticas. Este era também o parecer de Heidegger<sup>35</sup>, que jamais se empenhou tanto na ética, mas procurou pensar o ser fora da metafísica (isto é, fora do objetivismo, dos princípios universais, ou seja, fora do autoritarismo). Entendo o desejo de verdades universais a serem compartilhadas. Mas a elas se chega sobretudo deixando falar as pessoas. Disto ainda estamos muito distantes.

---

<sup>35</sup> **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para *download* no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o n° 12 do *Cadernos IHU em formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

## “Verdades de fé jamais poderão ser universais”

ENTREVISTA COM JAN ASSMANN

*Questionado sobre como o Projeto de Ética Mundial de Hans Küng pode auxiliar as religiões a encontrar um ponto comum de diálogo e de pluralismo entre as diferentes crenças, o egiptólogo alemão Jan Assmann afirmou: “Trata-se, além das religiões individuais cuja pluralidade jamais se poderá descartar, e além de suas verdades de fé, estabelecer alguns princípios civilizatórios, aos quais todas as religiões devem se ater. Verdades de fé jamais poderão ser universais”. Para ele, “o que hoje constitui parâmetro importante nas orientações da humanidade é a paz, a justiça, o respeito e o reconhecimento mútuo, a solidariedade com os pobres, com os perdedores da globalização, coisas que também se encontram nas religiões, mas nelas também se encontra algo bem diverso, que é capaz de perturbar sensivelmente a paz nesta Terra”. Assmann concedeu entrevista exclusiva, por e-mail, à IHU On-Line. Escrevendo diretamente do Egito, onde realiza uma escavação arqueológica, ele atendeu nosso convite para refletir sobre o Projeto de Ética Mundial de Hans Küng e fez relações entre essa idéia e a questão do pluralismo e da tolerância religiosa em nossos dias.*



*Além de egiptólogo, Assmann é teórico da cultura, professor de Egiptologia da Universidade de Heidelberg e de Ciência da Cultura da Universidade de Constança. Desde 1967, conduz escavações arqueológicas na parte ocidental de Tebas, nas tumbas que remontam ao tempo do rei Ramsés. Escreveu inúmeros livros e artigos sobre religião egípcia, história, literatura e arte. Entre seus livros publicados, destacamos Stein und Zeit: Mensch und Gesellschaft im Alten Ägypten (München: W. Fink, 1995); Weisheit und Mysterium: Das Bild der Griechen von Ägypten (München: C.H. Beck, 1999); Tod und Jenseit im Alten Ägypten (München: C.H. Beck, 2001); e Moise l'Égyptien. Un essai d'histoire de la mémoire (Paris: Aubier, 2001). Confira a entrevista a seguir.*

**IHU On-Line - Por que o senhor aponta o monoteísmo javista como fonte de intolerância e recusa do pluralismo?**

Jan Assmann - O pluralismo eu não rejeito, pelo contrário. Onde reconheço uma fonte de intolerância é na diferença entre a verdadeira religião e religiões falsas, o verdadeiro Deus e falsos deuses, a verdadeira e a falsa fé. Eu penso que esta distinção só entrou no mundo com o monoteísmo javista, que ela não pode mais

ser revertida e que devemos aprender a lidar com ela de maneira tolerante, sem violência e com mútuo respeito e reconhecimento.

**IHU On-Line - O que a passagem do politeísmo ao monoteísmo contribuiu para modificações nas relações religiosas da humanidade?**

Jan Assmann - As religiões politeístas eram compatíveis entre si e reciprocamente transponíveis. Elas

se baseavam na - ou pelo menos conduziam à - concepção de que todos veneram os mesmos deuses, porém sob nomes diversos e sob formas diversificadas. A esta recíproca trasponibilidade o monoteísmo deu um fim. Porque só podem ser reciprocamente transpostas divindades imanentes: o deus sol de uma ao deus sol da outra religião etc. O Deus monoteísta é, todavia, extramundano. Por isso as religiões monoteístas estabelecem uma fronteira entre elas e todas as outras, que são delimitadas e rejeitadas como “ateísmo”.

***IHU On-Line - Como o Projeto de Ética Mundial de Hans Küng e sua ética minimalista podem auxiliar as religiões a encontrar um ponto comum de diálogo e de pluralismo entre as diferentes crenças?***

**Jan Assmann** - Trata-se, além das religiões individuais cuja pluralidade jamais se poderá descartar, e além de suas verdades de fé, estabelecer alguns princípios civilizatórios, aos quais todas as religiões devem se ater. Verdades de fé jamais poderão ser universais.

***IHU On-Line - Em grandes linhas, que tipo de ética o senhor reconhece no indivíduo contemporâneo?***

**Jan Assmann** - Eu não creio que exista algo como “o” indivíduo contemporâneo.

***IHU On-Line - Até onde, ou em que medida a secularização que constatamos é uma explicação para esta situação? Os teóricos da morte de Deus teriam acertado em sua previsão, ou o sagrado ainda constitui um parâmetro importante nos rumos da humanidade?***

**Jan Assmann** - Um *ethos* mundial só pode ser secular ou, em todo o caso, trans-religioso. Trata-se de assuntos que devem ser “sagrados” para todos os homens. Dignidade humana, direitos humanos. As religiões no sentido tradicional devem retroceder em suas pretensões “exclusivamente salvadoras”. O que hoje constitui parâmetro importante nas orientações da humanidade é a paz, a justiça, o respeito e o reconhecimento mútuo, a solidariedade com os pobres, com os perdedores da globalização, coisas que também se encontram nas religiões. Mas nelas também se encontra algo bem diverso, que é capaz de perturbar sensivelmente a paz nesta Terra.

***IHU On-Line - Se considerarmos os fundamentalismos político-religiosos que constatamos, até que ponto é possível pensar na concretização da maioria através do esclarecimento, como Kant queria?***

**Jan Assmann** - Precisamente: só podemos considerar os fundamentalismos com preocupação e devemos tentar reconciliar religião e esclarecimento, entender religião como esclarecimento e combater os fundamentalismos com argumentos da religião. Quem poderia crer num Deus cuja vontade poderia ser eliminar pessoas? Não são as religiões em si, mas que se possa tão facilmente fazer mau uso delas - este é o problema e é um escândalo. As religiões devem agir contra isso a partir de si mesmas e falar uma nítida palavra contra a violência e o fundamentalismo.

# Uma crítica ao idealismo em favor de uma certa autonomia da política

POR ALFREDO CULLETON

*“A tese do Hans Küng é, e é aqui reside a sua originalidade, de que é preciso que se reconheça uma certa autonomia ao fator político, que não pode estar inteiramente submetido nem à lógica científica e às leis econômicas nem também às normas jurídicas e aos ideais morais, como muitos gostariam. O certo é que entre política e ética existe uma tensão inevitável, que precisa ser sustentada e não resolvida. De todas maneiras, exige-se um novo paradigma humano da política, determinado pela ética, proporá ele”, escreve o filósofo argentino Alfredo Culleton, em artigo inédito, escrito com exclusividade para a IHU On-Line. Confira a seguir a íntegra do material. Os subtítulos são nossos.*



*Culleton é graduado em Filosofia, pela Universidade Regional no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, leciona nos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia na Unisinos. Confira a entrevista concedida pelo filósofo à IHU On-Line edição 160, de 17-10-2005, junto com o historiador Nilton Mullet Pereira, intitulada “Em nome de Deus: um retrato de época”, comentando aspectos do filme apresentado no Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema, promovido pelo IHU. Outra entrevista com Culleton pode ser conferida sob o título “A interculturalidade medieval”, na edição 198, de 02-10-2006. Sua contribuição mais recente à nossa publicação aconteceu na edição 232, de 20-07-2007, quando junto com o jurista Vicente Barreto falou sobre “Ética mundial e Direito: uma contribuição de Hans Küng”.*

Há um clamor por um novo paradigma político quando os Estados Unidos entram na Europa nos anos de 1917-1918. Hans Küng coloca Woodrow Wilson<sup>36</sup> como proponente de uma nova

<sup>36</sup> Thomas Woodrow Wilson (1856-1924): presidente dos Estados Unidos por dois mandatos consecutivos, que duraram de 1912 a 1921. Também integrou o Partido Democrata e foi reitor da Universidade de Princeton, em Nova Jersey. É considerado o pai do idealismo, devido a sua luta por uma Alemanha livre e com condições para um desenvolvimento econômico e democrático. (Nota da *IHU On-Line*)

ordem mundial que ele vai chamar de *idealista*, confrontado ao velho *realismo* identificado com a figura de Kissinger.

Wilson (1856-1924), acadêmico da Universidade de Princeton, presidente democrata, propõe, em 1918, os famosos *quatorze pontos: o programa de paz americano*, programa este baseado em três princípios:

a) liberdade para todos os povos; b) justiça para amigos e inimigos; c) garantia de paz através de uma liga das nações. Isto é interpretado como um conflito entre duas concepções

diferentes de diplomacia:

- 1 - A antiga política européia de uma paz imposta (realista),  
e 2 - A nova proposta americana de uma paz justa (idealista).

O problema deste idealismo é que acabou gerando uma mentalidade missionária e com pretensões universalistas, e terminou elevando a guerra à condição de uma “*cruzada pela democracia*”, de motivação moral. Küng remete a um teólogo dos anos trinta chamado Reinhold Niebuhr<sup>37</sup>, que no livro *Homem moral e política imoral*<sup>38</sup> faz uma crítica ao idealismo por este correr o risco de se tornar:

a) *Hipócrita* porque supõe como evidente que só a própria política e só as próprias instituições seguem princípios morais, sendo que todas as metas egoístas são camufladas por meio de discursos morais.

b) *Ilusórias*, por ser impossíveis de serem realizáveis como a de ser modelo para toda a terra, ou lemas como *América contra o reino do mal* de Ronald Reagan<sup>39</sup>, que levam a desilusões e ao cinismo.

c) *Ineficaz*, porque toda política exige forças e sanções objetivas.

Wilson, efetivamente, não consegue impor-se na aspiração de uma nova ordem mundial construída menos sobre o poder do que sobre a justiça. Os *realistas* farão uma crítica radical à

<sup>37</sup> Reinhold Niebuhr (1892-1971): teólogo norte-americano e pastor evangélico. Ficou conhecido por ser envolvente nas questões públicas e por seu pensamento sobre a ética. Ensinava o pecado original e a posição caída do homem, fazendo parte da escola da neo-ortodoxa. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>38</sup> *Moral man and immoral society: a Study of Ethics and Politics* (Library of theological Ethics, 2002). (Nota do entrevistado)

<sup>39</sup> Ronald Reagan (1911-2004): ator norte-americano formado em economia e sociologia. Foi eleito governador da Califórnia em 1966, e se reelegeu em 1970 com uma margem de um milhão de votos. Conquistou a indicação à presidência pelo Partido Republicano em 1980, e os eleitores, incomodados com a inflação e com os americanos mantidos há um ano como reféns no Irã, o conduziram à Casa Branca. Antes de ocupar a presidência, passou 28 anos atuando como ator em 55 filmes que não entraram para a história, mas que lhe deram fama e popularidade. Sua carreira no cinema terminou em 1964, em *The Killers*, único filme em que atuou como vilão. (Nota da *IHU On-Line*)

hipótese de “*uma harmonia natural dos interesses, que poderia ser mantida com um pouco de boa vontade e sabia compreensão humana*”.

Hans Küng dedica um longo segundo sub-capítulo à teoria política de Morgenthau, considerado um realista que entende, sobretudo, que a política é *gerenciamento de poder*. Os seus intérpretes se esforçarão por entender isto como oposto à moral, mas Küng busca entender diferentemente. Na realidade, Küng critica ambos os modelos e busca oferecer uma visão alternativa da relação entre poder e moral partindo de uma concepção antropológica que tem dois pontos fundantes: a) O homem, como ser ambivalente, e o poder, e b) a inevitável tensão entre política e ética.

a) **O homem como ser político** é um conceito que recebemos desde Aristóteles<sup>40</sup>, mas que esse homem essencialmente aspira ao poder é um elemento novo introduzido por Nietzsche<sup>41</sup>. A partir disto, não podemos considerar nem o poder nem o homem como essencialmente

<sup>40</sup> Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>41</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada Nietzsche e Paulo. A edição 15 do *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da *IHU On-Line*)

*bons e benéficos nem maus e demoníacos, mas o homem como ser complexo e ambivalente, entre a razão e a loucura.*

Os homens, se fossem demônios, diz ele, nenhum governo seria possível; se fossem anjos, nenhum governo seria necessário. O que é poder, pergunta ele, respondendo que *“poder, de maneira geral, é a autorização, a possibilidade ou a liberdade de determinar sobre outras coisas, homens ou relações”*.

Max Weber<sup>42</sup> que define o poder de maneira um pouco mais crua dizendo que é *“toda chance de, dentro de uma relação social, impor a própria vontade mesmo contra a resistência de outros, não importando em que esta chance se baseia”*; portanto, diz ele, *“toda qualidade que se possa imaginar e toda constelação imaginável pode colocar alguém na condição de impor sua vontade numa dada situação”*.

#### **Poder a favor da vida**

Por isso, *todo* homem tem algum tipo de poder pelo fato de ser portador de alguma qualidade. Disto se segue que o poder pode ser sempre bem empregado no sentido de ser a favor da vida humana ou mal empregado, utilizando-o de maneira desumana. De aqui se desprende que desde sempre foram imensos os esforços da humanidade para impor limites ao abuso do poder, sobretudo dos detentores do poder político.

Hans Küng relaciona uma lista de seis importantes conquistas/invenções, européias da humanidade contra o abuso do poder político:

<sup>42</sup> Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em formação* nº 3, 2005, intitulado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

- 1 - A domesticação do poder através da constituição e das leis;
- 2 - Participação no poder pela divisão dos poderes que se controlam mutuamente;
- 3 - Limitação do poder através de direitos fundamentais intocáveis. (lei natural até direitos humanos e leis pétreas da constituição);
- 4 - Moderação do poder pelo princípio da correspondência. (proibição de excesso na punição ou retaliação) (princípio da proporcionalidade);
- 5 - Participação no poder dos súditos do poder;
- 6 - Equilíbrio do poder através da diminuição do gradiente de poder. (buscar um equilíbrio entre grupos econômicos e sociais).

#### **b) A inevitável tensão entre política e ética**

Dirá Hans Küng que a posição realista possui sua verdade, que não deve ser menosprezada: seria ilusão, diz ele, fazer política com ideais abstratos, falsas esperanças e desejos utópicos. A realidade da política, mesmo que não deva ser equiparada à racionalidade, tem como tal que ser levada a sério e as ideologias que encobrem as relações de poder devem ser desmascaradas pela crítica da ideologia.

Entende que a própria política não é ciência, mas uma arte, *a arte de em cada nova situação reconhecer a tempo e intuitivamente qual é o caminho certo*. Esta afirmação merece um tratamento especial dado que acredito esteja querendo reforçar uma certa autonomia da política respeito da ética, da teologia e da ciência.

A tese do Hans Küng é, e aqui reside a sua originalidade, de que é preciso que se reconheça uma certa autonomia ao fator político, que não pode estar inteiramente submetido nem à lógica científica e às leis econômicas nem também às normas jurídicas e aos ideais morais, como muitos gostariam. O certo é que *entre política e ética existe uma tensão inevitável*, que precisa ser sustentada e não resolvida. De todas maneiras, exige-se um novo paradigma humano da política, determinado pela ética, proporá ele.

## Filme da Semana

### Tropa de elite, de José Padilha

O FILME COMENTADO NESSA EDIÇÃO FOI VISTO POR ALGUM/A COLEGA DO IHU E ESTÁ EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS DE PORTO ALEGRE

#### Ficha técnica

Título Original: *Tropa de elite*

Gênero: Ação

Tempo de duração: 118 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2007

Direção: José Padilha

Elenco: Wagner Moura, Caio Junqueira, André Ramiro, Fernanda Machado, Maria Ribeiro, Milhem Cortaz

**Sinopse:** O Capitão Nascimento é comandante do esquadrão do Batalhão de Operações Especiais (Bope), a tropa de elite da polícia do Rio de Janeiro. Ele quer deixar o posto, pois está prestes a ser pai e tem ataques freqüentes de Síndrome do Pânico, mas precisa antes encontrar um substituto à altura. Aos poucos, começa a enxergar como candidatos os aspirantes Neto e André Matias, amigos de infância que dividem a mesma indignação com toda a corrupção que vêem na polícia convencional. Juntos, integrarão o Bope e cumprirão suas missões até as últimas conseqüências.

*Publicamos a seguir uma resenha sobre o filme Tropa de elite, de José Padilha, elaborada pelo colega André Dick, doutor em Literatura Comparada e revisor das publicações do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.*

### O Bope em ritmo de rock

Dirigido por José Padilha, *Tropa de elite* é certamente o filme mais comentado desde *Cidade de Deus* (2002), sobretudo depois de milhares de cópias piratas começarem a circular pelo País, tornando-se conhecido graças ao boca a boca do público. Depois de lançado, a crítica brasileira, em sua grande parte, o alçou ao posto de filme do ano e a trajetória de sucesso vem se repetindo nos cinemas, com 700 mil espectadores em apenas dez dias de exibição. Esse sucesso é merecido?

Por um lado, sim. *Tropa de elite* coloca em debate alguns temas bastante em voga na sociedade brasileira: o tráfico de drogas, a violência urbana, a corrupção policial, a hipocrisia frente aos problemas do cotidiano.

Como a Fernando Meirelles<sup>43</sup> em *Cidade de Deus*, é preciso dar crédito a José Padilha por tocar em assuntos certamente incômodos para grande parte das pessoas. Uma característica, por exemplo, que não tem o *Carandiru* de Hector Babenco<sup>44</sup>, no qual todos os

---

<sup>43</sup> Fernando Meirelles (1955): cineasta brasileiro, diretor de *Menino maluquinho 2 - A aventura* (1998), *Domésticas* (2001), *Cidade de Deus* (2002) e *O jardineiro fiel* (2005). Prepara a versão cinematográfica do livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, intitulada *Blindness*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>44</sup> Hector Babenco (1946): cineasta argentino radicado no Brasil. É diretor de, entre outros, *Pixote - A lei do mais fraco* (1980), *O beijo da mulher aranha* (1985), *Ironweed* (1987), *Brincando nos campos do senhor* (1991), *Carandiru* (2003) e do recente *O passado* (2007). (Nota da IHU On-Line)

prisioneiros parecem, na realidade, inocentes. Além disso, o filme envolve o espectador como um bom telejornal. Esteticamente, é muito bem realizado, com fotografia de alta qualidade (com uma luz sombria), montagem frenética e movimentos de câmera que fazem esquecer um pouco a falta de diálogos, concentrando as cenas em closes para dar um sentido de realismo maior. Numa comparação imediata com *Cidade de Deus*, no entanto, trata-se de um cinema de menor impacto e resolução, talvez porque Padilha não tenha a sensibilidade de Meirelles para apresentar e solucionar alguns conflitos de maneira menos ligeira e seja mais um documentarista (ele é diretor do polêmico *Ônibus 174*), sem haver aqui qualquer demérito. No entanto, por outro lado, sob a camada cinematográfica, há outra, mais polêmica e não poucas vezes contraditória. Avaliar, por exemplo, que Padilha é neutro, que ele apenas mostra uma certa visão dos acontecimentos, não parece ser o mais acertado. O cineasta, antes de mais nada, escolhe seus caminhos a partir de suas próprias suposições, e o faz através de um recorte que pode ser tanto considerado acertado quanto por vezes generalizante. Uma obra de arte, afinal, está sujeito a todos os tipos de interpretação, justos ou não.

*Tropa de elite*, ao contrário do que alguns falam, não é um elogio à ação dos policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) do Rio de Janeiro: ele flagra uma determinada situação, uma maneira de agir de uma determinada polícia. No entanto, o filme procura encontrar um lado positivo no lado negativo dessa polícia, por mais que isso pareça paradoxal. A idéia básica é: se ninguém age, sobretudo os policiais comuns, que pelo menos exista uma órgão que aja, mesmo que viole muitas vezes as leis. O Bope, até determinado ponto, é visto com a cumplicidade do espectador, que se vê cercado por notícias ruins todos os dias, mesmo porque o narrador, Capitão Nascimento (personagem de Wagner Moura, numa boa atuação) é uma figura

incorrupível. E isso, pelo que se entende indiretamente na proposta do roteiro (ou seja, aqui cabe a interpretação particular), lhe dá o direito de matar, pois o sistema está falido, afundado na burocracia e na corrupção. Ou seja, a justiça deve ser feita à bala, de preferência, não perdida, à medida que - novamente é o que se subentende - as instâncias superiores da justiça não mais funcionam. A partir disso, a bandeira de sua corporação vale mais do que a bandeira brasileira, o que se percebe no alegorismo de uma cena de funeral. Seria interessante num contexto ficcional, como o do personagem de Charles Bronson na série *Desejo de matar*. O problema é ver se isso se encaixa num filme que retrata muito da realidade e deseja apresentar uma série de questões inconvenientes (reitere-se que o diretor é antes de tudo um documentarista). O mais adequado não seria investigar por que essas instâncias superiores não funcionam, o que as constitui desse modo?

No entanto, *Tropa de elite* quer mostrar a realidade crua. Em relação especificamente à violência - bem menor, por exemplo, do que a apresentada em *Cidade de Deus* -, o filme não revela mais do que o espectador que acompanha telejornais já imagina acontecer: agressões a “testemunhas”, tiros a esmo, violação de direitos humanos, embora as ditas cenas de tortura devam, infelizmente, ser muito piores na realidade. Mas Padilha quer dar ao personagem principal - com uma presença excessiva da voz em *off*, o que já era um problema de *Cidade de Deus*, para tentar costurar uma trama fragmentada - o caráter de justiceiro, a começar pela epígrafe que abre o longa-metragem. Ou seja, o policial tem esse caráter que tem - agressivo, impulsivo - porque seria fruto do meio em que vive. Ele também é um homem com transtorno psiquiátrico e sua mulher espera um filho. Com isso, o filme acaba tirando a carga negativa que ele apresenta, tentando humanizá-lo no bom sentido. Porém, o personagem não tem passado, como não tem futuro: não se sabe por que ele age dessa

maneira, quais suas origens. Se Padilha quis mostrar um homem em conflito, acertou em cheio. A questão é se um homem incorruptível só pode ser encontrado naquele indivíduo que se revolta contra a burocracia do sistema.

Outro traço polêmico do filme é que Padilha considera estudantes parte do tráfico por usarem drogas, no que parece correto e até óbvio (ou seja, não se sabe por que tal argumento invocou tantas reações contrárias): quem usa drogas certamente está ajudando a colocar mais armas nas mãos de traficantes. Por outro lado, pode-se questionar se são apenas os jovens usuários que financiam o tráfico. Eis que Padilha parece nos dar a resposta mais contundente. Ele se utiliza desse argumento para mostrar que alguns dos estudantes que deveriam estudar para melhorar e fazer cumprir as leis são muitas vezes coniventes com os traficantes e acham os policiais, com os quais deveriam ter afinidade, na concretização das leis, figuras desonestas. Esta é talvez a crítica mais acertada que faz Padilha - e realmente complicadora: como podemos confiar em mudanças se muitos que futuramente lidarão com as leis aceitam ilícitudes? O problema, mais uma vez, é que Padilha generaliza: na cena emblemática em que o policial André Matias (vivido por André Ramiro, na melhor interpretação do filme) defende seus companheiros na sala de aula, se faz um silêncio, o que indica que todos são contrários a ele. A sala enfocada por Padilha representaria, em suma, a média do pensamento estudantil. E só um aluno consciente do Bope, logo, em efetivamente querer agir contra o crime, seria capaz de salvar a sociedade.

O personagem André, aliás, que ao lado de Neto (vivido por Caio Junqueira) é um dos eleitos pelo Capitão Nascimento para sucedê-lo, é ainda mais paradoxal: de interessado estudante de direito, em seguir leis, ele, quando entra para a polícia, percebe que o sistema não lhe oferece saída. É de se questionar, então, por que ele não procura outro caminho, tendo a visão (estudantil) que tinha no início do filme. No entanto, isso seria o

contrário do que pretende Padilha: ao contrário do que Meirelles, por exemplo, mostra em *Cidade de Deus*, por meio de Buscapé, o garoto que sonha em ser fotógrafo, o estudo em *Tropa de elite* parece não ajudar a resolver os problemas sociais, pelo menos aqueles que se referem ao direito: o sistema é um só e deve ser enfrentado sem teorias. A incorruptibilidade passa, como conseqüência, pelo caráter agressivo. Torna-se, a partir dessa idéia, bastante representativa a cena em que o Capitão Nascimento, em aula, fala a palavra “estratégia” em diversas línguas: é como se o estudo fosse algo simplesmente teórico, distante da realidade. “Estratégia” verdadeira, simples e prática, no caso, é quando ele sobe no morro.

O que incomoda, de modo geral, no filme de Padilha não é a trilha sonora de rock - para transformar o filme numa montanha-russa, característica aprimorada pela excelente montagem de Daniel Rezende -, ou as cenas a la *Nascido para matar*, de Kubrick<sup>45</sup>, homenageado nas cenas de treinamento e na cena em que os policiais adentram uma favela em ruínas, como se estivessem no Vietnã, mas em parte certo ar de ingenuidade, mesmo com toda a violência crua que apresenta. Talvez pretendendo ser uma tese de sociologia - as discussões sobre *Vigiar e punir*, de Foucault<sup>46</sup>, indicam uma

---

<sup>45</sup> Stanley Kubrick (1928-1999): cineasta norte-americano, diretor de obras-primas como *Spartacus* (1960), *Lolita* (1962), *2001 - Uma odisséia no espaço* (1968), *Laranja mecânica* (1971), *Barry Lindon* (1975), *O iluminado* (1980), *Nascido para matar* (1987) e *De olhos bem fechados* (1999). (Nota da IHU On-Line)

<sup>46</sup> Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *A história da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *A*

necessidade de estabelecer uma discussão acadêmica do objeto artístico *a posteriori* -, o filme é maniqueísta e coloca os personagens sempre numa espécie de limite tarantiano. As favelas cariocas não abrigam as fantasias de *Kill Bill*, mas Padilha quer um tipo de humor realista. A violência policial, por exemplo, é quase sempre encerrada com algum chiste - como a cena em que o Capitão Nascimento coloca uma granada na mão de um de seus alunos para que ele não durma durante uma aula noturna - ou alguma humanização (como a passagem em que o capitão, depois de um tiroteio sangüinário, é avisado que seu filho vai nascer). O que mais choca, no entanto, é uma cena em que estudantes são mortos com requintes de cruieza. Ou seja, na polícia a violência ou a desonestidade é acompanhada pelo elemento do humor, enquanto os bandidos são apenas o que realmente são: cruéis. E a periferia, quase em sua totalidade, é o oposto do que Regina Casé ou as novelas globais querem nos provar seguidamente. Na periferia apresentada em *Tropa de elite* não há humor e quem parece querer ajudá-la no fundo é conivente com as práticas ilícitas que nela ocorrem ou está apenas interessado em ter acesso mais fácil às drogas. Tudo é muito esquemático, e o filme se desenvolve como se fosse o piloto de uma série de TV. As únicas figuras que se salvam em *Tropa de*

---

*história da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault. (Nota da *IHU On-Line*)

*elite* são as crianças, talvez porque elas ainda inspirem o futuro, ou venham a ser, quem sabe, policiais. É um irresoluto maniqueísmo, mas Padilha o administra bem, pois não se chega a sentir revolta ou raiva em relação aos policiais, pois eles aparecem como se fossem gânsteres de *O poderoso chefão* no Esquadrão da Swat. Parece que eles estão querendo livrar o mundo do mal e são, digamos, apenas “eshpertos” e, claro, violentos. Porque eles pretendem representar o sentimento de parte do público, afogado pelo mar de notícias ruins do dia-a-dia. O Bope age como o público que, sob um sentimento de indignação e de impotência, gostaria de se vingar, mesmo que ficcionalmente, da pária que o incomoda. A canção do Tihuana no início do filme, em alto e bom som, e a do Rappa, ao final, mostram um sentimento de heroísmo. A do Rappa - curiosamente banda envolvida com projetos nas favelas - é ainda mais emblemática: “Pois a vitória de um homem / Às vezes se esconde / Num gesto forte que só ele pode ver / / Eu sou guerreiro, sou trabalhador / E todo dia vou encarar / Com fé em Deus e na batalha”. Quem representaria a canção “Lado B, Lado A” no filme? Não parece ser o povo recluso dentro de casa. Parece se referir mais ao narrador do filme.

Mais interessante, diante desse quadro mostrado em *Tropa de elite*, é pensar que os conflitos em favelas não resultam apenas de um embate entre polícia e bandagem. Eles também resultam de décadas de incompetência de instituições, de desvio do dinheiro público, do incentivo à barbárie no lugar da moral, e de falta de atenção - sobretudo de autoridades - para com a tragédia que brota do concreto. A tropa de elite também deveria estar pronta para vigiar outros ambientes. Afinal, policial é policial e bandido é bandido. Não é essa a moral? Sob esse ponto de vista, o filme de Padilha faz pensar de maneira decisiva, e daí vem, talvez, sua maior importância.

## Invenção

EDITORIA DE POESIA DA REVISTA IHU ON-LINE

Esta nova editoria, semanal, é dedicada à publicação de inéditos de poetas da literatura contemporânea do Brasil, com mais de um livro, ou que recém publicaram suas primeiras obras, ou que publicam em revistas eletrônicas e sites. Poetas que procuram algum sentido de invenção. O nome da editoria é uma homenagem à revista de poesia publicada pelo poeta **Décio Pignatari** nos anos 1960. Ela apresentou, ao longo de seus poucos, mas importantes números, autores como **Paulo Leminski** e certamente dialoga com a categoria de “poetas inventores”, criada por **Ezra Pound**, que seriam os homens “que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de processo”. Em pleno século XXI, a categoria de “inventores”, no

entanto, não é a mais interessante para delimitar o trabalho dos poetas. É importante, nesse sentido, lembrar que a palavra “invenção” remete à própria origem da palavra poesia, em grego: **poiesis** - ação de fazer e criar alguma coisa. Com esta editoria, a IHU On-Line tentará proporcionar ao leitor e à leitora um contato também com poetas emergentes, através de introduções que falam sobre os seus escritos, na tentativa de apresentar um pouco do que se produz hoje no Brasil nesse gênero, como diriam **Décio Pignatari** e **Augusto de Campos**, dois dos criadores da poesia concreta, “à margem da margem”. Nesta edição, apresentamos um poema de Armando Freitas Filho.

### Armando Freitas Filho

Armando Freitas Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 1940. Autor de inúmeros livros, a reunião de sua obra completa, entre 1963 e 2003, encontra-se no volume **Máquina de escrever** (São Paulo: Nova Fronteira, 2003). Depois dele, lançou **Raro mar** (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), um dos ganhadores da categoria de melhor de livro de poesia no Jabuti 2007.

Também ganhou o Jabuti de melhor livro de poesia por **3 x 4** (1985) e o Prêmio Alphonsus Guimaraens, concedido pela Biblioteca Nacional, pelo livro **Fio terra** (2000).

O poeta foi pesquisador na Fundação Casa de Rui Barbosa, secretário da Câmara de Artes no Conselho Federal de Cultura, assessor do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, pesquisador na Fundação Biblioteca Nacional e assessor no gabinete de presidência da Funarte, onde se aposentou.

De um início marcado pela influência da poesia práxis, Armando enveredou por uma poesia que, a partir de um diálogo com Ana Cristina Cesar, é marcada por imagens de impacto, às vezes revelando uma tensão corporal, outras uma violência que se liga à realidade, sobretudo do Rio de Janeiro, onde o poeta vive. Em contraposição aos poemas que realizou nos anos 1970, influenciados em parte pela poesia marginal, seu verso foi ficando cada vez mais simétrico, e em suas últimas obras, **Numeral** e **Raro mar**, ele escreve um *work in progress* intitulado “Numeral” - indicando um equilíbrio matemático. Nele, se mostra também cada vez mais visível o diálogo de Armando com a poesia de Drummond e de João Cabral, aliando um *pathos* existencial à construção lingüística e metalingüística de maneira singular. Há no olhar desse poeta uma predileção comprovada pelo que está ausente, mas acaba sempre

regressando, seja à memória, seja à escrita, da qual se extrai, em gestos pausados, deslocamentos de espaços, recriação de imagens reais ou fotográficas e de objetos. Armando não foge a temas que poderiam ser considerados banais, querendo atingir um sentido épico - mas a jornada que ele realiza por ambientes ausentes nada mais é do que um novo *pathos* do sujeito, que se vê impossibilitado de prosseguir em sua rotina de desencavar palavras do nada. O que persegue Armando não é diferente do que um sujeito que busca a reflexão sente: é o entendimento de seus próprios gestos, mas que depende do Outro e da tradição literária.

O poema a seguir, “Para este papel”, que Armando enviou especialmente à *IHU On-Line*, foi lançado no sábado, dia 20 de outubro, num livro, projetado por Sérgio Liuzzi e com acabamento de Paulo Esteves, com a tiragem de 50 exemplares, numerados e rubricados pelo autor. O livro é feito em papel cristal, com os versos gravados com a caligrafia de Armando, que escreve, na apresentação: “Os poemas foram inspirados por este papel cristal, não só pelo nome mas por sua propriedade”. O lançamento de “Para este papel” ocorreu no POP (Pólo do Pensamento Contemporâneo), no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

## Para este papel

Escrito neste papel onírico  
feito de vestígios de nuvem  
o poema procura não pesar  
nem ferir o sono da folha debaixo.  
Prefere que transpareça o sonho  
a magia que animou a mão  
e a elevou, até tocar o céu.

O que pousa nesta página  
não marca, nem com a tinta  
da pena, a sua face oferecida.  
Não marca, mas pretende apontar  
o que está atrás da aparência  
que o círculo da lâmpada não ilumina  
que o aro do sol não queima.

(outono é ponte)

Alice Sant'anna

Estas folhas não numeradas  
existem para acolher melhor  
qual estágio da expressão?  
O do insistente verão que o sol  
declama? O da lâmina do inverno?

Ou o das passagens, das pontes  
e poentes, do outono e primavera?

A caligrafia busca a beleza  
através da letra: traço, volteio  
que a mão treinada realiza  
dentro da pauta estreita.  
Na contramão, a outra, selvagem  
tem estilo diferente: livre e preso  
no gráfico acidentado dos sentidos.

p/Cri

Sua pele, sua palma aberta  
aceita minha escrita leve.  
Se a força de antes, que calcava  
se foi, o que ficou, perto do fim  
ainda deseja cobrir, com amor  
a distância incoquistável, talvez  
por natureza, terra de ninguém.  
Que o vento não venha  
dar asas às folhas  
e não à imaginação, não  
as solte dos seus ramos, não  
as perca, nem por um segundo  
as esqueça, sobre a mesa  
sem o peso de um peso de papel.

Não passem, estas páginas, depressa.  
Não se perca logo o matiz de sua tez  
feito de um flagrante do ar livre.  
Fiquem aqui as palavras escritas  
resistindo ao desmaio do esmaecer.  
A transparência deste papel, pelo  
menos, não se rasgará com o tempo.

## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 15-10-2007 A 20-10-2007

### **As novas tecnologias: inclusões e exclusões sociais**

**Sérgio Amadeu**

Confira nas *Notícias do Dia* 15-10-2007

Defensor da liberdade na internet, Sérgio Amadeu, professor e Cientista Social, critica a exclusão digital e mundo industrial que se apoderou da rede para alavancar lucros. Para ele, muitas instituições querem implantar uma cultura de permissão, tentando controlar não só a informação como a recriação na rede.

### **Representações do consumo: uma visão polêmica da publicidade**

**Everardo Rocha**

Confira nas *Notícias do Dia* 16-10-2007

Para Everardo Rocha, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), existe uma fragmentação da existência. Na cultura contemporânea, segundo ele, surgem novas identidades, que são comportadas por tribos diferentes. Para ele, a fragmentação é uma consequência da globalização.

### **Henri Bergson: a metafísica e o ritmo do tempo**

**Eric Méchoulan**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

Eric Méchoulan, professor do departamento de literatura francesa da Universidade de Montreal, diz que

a metafísica, para Bergson, deve proceder por intuição. Ele destaca que, para o filósofo francês, a duração está em todo o processo de evolução.

### **A origem da subjetividade e da lírica modernas**

**Eduardo Sterzi**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-10-2007

Eduardo Sterzi, doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, relaciona a obra *Vita nova*, de Dante Alighieri, com o nascimento da subjetividade e da lírica modernas.

### **Processo de midiaticização: da sociedade à Igreja**

**Pedro Gilberto Gomes**

Confira nas *Notícias do Dia* 19-10-2007

De acordo com Pedro Gilberto Gomes, padre jesuíta e professor pesquisador do PPG em Comunicação e pró-reitor acadêmico da Unisinos, a midiaticização está configurando a possibilidade da busca de uma visão unificada da sociedade. Gomes analisa o processo a partir da relação entre mídia e religião.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU ([WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU))

### **“Anos de odisséia”. Uma nova fase itinerante antes da idade adulta**

**David Brooks**

Confira nas *Notícias do Dia* 15-10-2007

A vida humana passou de quatro para seis fases, disse David Brooks, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 15-10-2007. Para ele, a nova fase denominada Odisséia, período entre a adolescência e a vida adulta, está se prolongando a cada ano. Nesse período, constata Brooks, os jovens adultos estão perdidos, vivendo na casa dos pais, e não conseguem criar vínculos. Para ele, está nascendo uma fase que trará enormes mudanças forjadas por um grupo social emergente.

### **Morin fala sobre a China**

**Edgar Morin**

Confira nas *Notícias do Dia* 15-10-2007

Ao comentar sobre a história da China, Edgar Morin diz que o país nunca foi uma sociedade igualitária. Para ele, a verdadeira realidade nas cidades chinesas é o cultivo de um hipernacionalismo exacerbado que não tem nem um caráter do mundo intelectual, nem do mundo popular chinês.

### **“Não estou propondo uma crueldade”**

**Luiz Marinho**

Confira nas *Notícias do Dia* 16-10-2007

Escolhido para negociar o novo modelo de reforma da Previdência, Luiz Marinho, ex-presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), diz que é fundamental aumentar o tempo de contribuição. Para ele, não há outra saída para o problema da Previdência.

### **Macha do MST. ‘A proibição se justifica ante a invasão’, afirma Brossard**

**Paulo Brossard de Souza**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

Em entrevista ao jornal gaúcho *Zero Hora*, em 17-10-2007, Paulo Brossard de Souza Pinto, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal (STF), disse que é correto impedir a marcha do MST. Para ele, o MST tem direito de se locomover, mas não podem ocupar a fazendas, pois isso vai contra o direito constitucional de propriedade.

### **Marcha do MST. ‘Não se pode anular o direito de ir e vir’, afirma procurador-geral**

**Paulo Torelly**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

Para Paulo Torelly, ex-procurador geral do Rio Grande do Sul, a marcha do MST tem direito de continuar. Segundo ele, não se pode anular o direito de ir e vir do Movimento, baseado em supostas intenções deles ocuparem fazendas. A entrevista foi concedida ao jornal *Zero Hora*, em 17-10-2007.

### **A Terra está em perigo, constata Prêmio Nobel Al Gore**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

Para Al Gore, Prêmio Nobel da Paz deste ano, o grande perigo do planeta será a impossibilidade de não poder hospedar seres humanos no futuro. As declarações foram feitas em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, em 16-10-2007.

### **Mudança climática é uma questão de segurança para todo o planeta, afirma vice-presidente do IPCC**

**Mohan Munasinghe**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

Mahan Munasinghe, economista, físico e um dos vencedores do Prêmio Nobel da Paz de 2007, disse, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 17-10-2007, que espera que o prêmio concedido forneça vigor as discussões sobre as mudanças climáticas. Segundo ele, o fato do prêmio ter sido concedido ao IPCC, demonstra que as mudanças

climáticas são uma questão de segurança para todo o planeta.

### **O mundo sem humanos. Um exercício fascinante de ecologia-ficção**

**Luis Miguel Ariza**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

Em artigo publicado no jornal *El País*, em 14-10-2007, Luis Miguel Ariza propõe a imaginação de um planeta sem seres humanos. Ele conclui que a Terra sem seres humanos deixa um ar de nostalgia e tristeza.

### **Um Che em guerra contra os dogmatismos**

**Mauricio Vicent**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

No artigo publicado no jornal *El País*, no dia 7-10-2007, Mauricio Vicent apresenta aspectos íntimos de Che Guevara, divulgados por sua viúva, Aleida March. A luta de Che, segundo Vincent, foi contra os dogmas que encerraram o marxismo.

### **“Tenho de ser mais cuidadoso, perspicaz”**

**Júlio Lancelotti**

Confira nas *Notícias do Dia* 17-10-2007

A entrevista foi concedida ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 17-10-2007

Vítima de chantagens de ex-jovens da Febem de Tatuapé, padre Júlio Lancelotti fala das agressões e calúnias sofridas.

### **“Mesmo que as emissões de CO2 se estabilizem, os efeitos ainda serão sentidos por séculos”, afirma presidente do IPCC, Prêmio Nobel da Paz**

**Rajendra Pachauri**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-10-2007

Um dos ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, Rajendra Pachauri, presidente do IPCC, diz que a comunidade internacional não deve questionar a soberania do Brasil sobre a Amazônia, com o pretexto de cuidar do meio ambiente. A

entrevista foi concedida ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 18-10-2007.

### **“Ártico ficará sem gelo no verão dentro de uma geração”, diz diretor do Ano Polar Internacional**

**David Carlson**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-10-2007

O gelo está desaparecendo do Oceano Polar Ártico muito rapidamente, em extensão e em profundidade, alerta David Carlson, diretor do Ano Polar Internacional e oceanógrafo. Segundo eles, mudanças drásticas vão ocorrer no local, nos próximos 50 anos. A entrevista foi concedida ao jornal *El País*, em 16-10-2007.

### **Não foi o MST que inventou a estratégia de levar crianças para o conflito agrário**

**Carlos Wagner**

Confira nas *Notícias do Dia* 18-10-2007

De acordo com Carlos Wagner, jornalista, o MST é herdeiro da luta pela terra. Ele lembra que, no Rio Grande do Sul, agricultores foram expulsos da Reserva Indígena de Nonoai nos anos 1970, o que levou centenas de crianças a ficarem a beira da estrada com seus pais. O artigo “Respeito pelos filhos” foi publicado no jornal *Zero Hora*, em 18-10-2007.

### **A esquerda mexicana em busca de uma estratégia**

**Joëlle Stolz**

Confira nas *Notícias do Dia* 19-10-2007

Em artigo publicado no jornal *Le Monde*, em 3-10-2007, Joëlle Stolz, jornalista, diz que esquerda mexicana encontra dificuldades para encontrar uma estratégia. A política do país tem estremecido a esquerda que se debate entre uma corrente que quer negociar seu apoio às reformas do presidente Felipe Calderón, e uma outra que mantém uma linha de ruptura com o governo conservador.

## Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

“Pelo menos dois mitos foram quebrados: o de que seria impossível, no Brasil, cobrar pedágio barato em estradas sob administração privada; e o de que, num governo do PT, não haveria desestatização” - Editorial do *Valor*, 15-10-2007.

“O que aconteceu foi uma demonstração inequívoca de acerto e arrojo do governo em mudar os critérios das privatizações” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, no programa “Café com o Presidente”, 15-10-2007.

“O arrocho que fizemos em 2003 não foi coisa pequena. Foi uma dose de morfina que quase, quase exageramos, porque era a única possibilidade que tínhamos de recuperar um paciente que, há mais de duas décadas e meia, dava sinais de não ir para frente” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 15-10-2007.

“O governo vende a alma, mas aprova a CPMF” - **Pedro Simon**, senador - PMDB-RS - *Zero Hora*, 18-10-2007.

“Acho que quem tem autoridade para tratar a crise no Senado no caso de Renan, no campo político, é o PMDB” - **Tião Viana**, senador - PT-AC - *O Estado de S. Paulo*, 18-10-2007.

“Não há candidato de si mesmo, não existe candidatura zumbi, candidatura avulsa. O partido é um elo da corrente que vai do eleitor ao eleito” - **Carlos Ayres Britto**, ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) - *O Estado de S. Paulo*, 18-10-2007.

“A Veja bem que tentou derrubar Renan Calheiros, mas quem conseguiu mesmo foi a Playboy” - de uma personalidade de língua afiada, segundo **Sonia Racy** - *O Estado de S. Paulo*, 18-10-2007.

“Defender o roubo como recurso de distribuição de renda revela um enorme desconhecimento das redes e tramas do submundo do crime, onde grassa o capitalismo mais selvagem de que se tem notícia” - **Alba Zaluar**, antropóloga - *Folha de S. Paulo*, 15-10-2007.

“Banco do Sul não vai ser um banco para financiar aventuras” - **Guido Mantega**, Ministro da Fazenda - *O Estado de S. Paulo*, 18-10-2007.

“Nós vamos pacificar o Rio. Mas não vai ser com passeata e roupa branca. Isso fazemos há 20 anos e não dá em nada” - tenente-coronel **Mário Sérgio Brito Duarte**, ex-comandante do Batalhão de Operações Especiais (Bope), há 25 anos na Polícia Militar do Rio de Janeiro, que entregou o comando da tropa de elite fluminense em janeiro - *O Estado de S. Paulo*, 18-10-2007.

“Tudo pode acontecer, mas como acidente, e não como essência. Não como regra, mas como exceção. Sou contra tortura, e empalação é tortura. Há a cena no filme (Tropa de Elite) do cabo de vassoura para simular isso. O filme está tentando dizer que isso é uma prática rotineira do Bope e não é” - tenente-coronel **Mário Sérgio Brito Duarte**, ex-comandante do Batalhão de Operações Especiais (Bope), há 25 anos na Polícia Militar do Rio de Janeiro, que entregou o comando da tropa de elite fluminense em janeiro - *O Estado de S. Paulo*, 18-

10-2007.

“O rock, desde o início, é mais sexo que amor. Uma expressão de energia sexual...” - **Caetano Veloso**, cantor e compositor - *El País*, 19-10-2007.

“A canção inédita Amor mais que discreto é sobre o amor de um homem por outro homem. Está muito claro. Não notei nenhum rechaço talvez porque ao ouvi-la pela primeira vez as pessoas não se dão conta. As poucas pessoas que reagem são as que se identificam, aquelas que aplaudem o fato de que eu esteja cantando uma canção explicitamente gay” - **Caetano Veloso**, cantor e compositor - *El País*, 19-10-2007.

“Se os “demo” estão dizendo que vão fechar questão contra (a CPMF), é um problema deles” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, ironizando Democratas - *O Estado de S. Paulo*, 19-10-2007.

“Meu sonho de consumo é ter empresas espanholas na produção de energia” - **Nelson Hubner**, ministro de Minas e Energia, sobre a possibilidade de os espanhóis disputarem o leilão da usina de Santo Antônio, no Rio Madeira - *O Estado de S. Paulo*, 19-10-2007.

“Sem docinho, a CPMF não passa” - **Ideli Salvatti**, senadora - PT-SC - *O Estado de S. Paulo*, 19-10-2007.

“Na verdade, agora o Judiciário está prescrevendo, tirando o lugar do médico, e isso está criando um peso enorme de financiamento do sistema [público de saúde]” - **José Gomes Temporão**, ministro da Saúde - *Folha de S. Paulo*, 19-10-2007.

“Dentro desse processo [judicialização] existe de tudo. Há prescrições justificáveis, mas existe muita picaretagem, fraude, medicamentos não registrados no

Brasil, procedimentos experimentais” - **José Gomes Temporão**, ministro da Saúde - *Folha de S. Paulo*, 19-10-2007.

“Tentar ficar com parte do imposto sindical mostra o comodismo que tomou conta das centrais. Minha geração sempre foi contra isso” - **Devanir Ribeiro**, deputado federal, PT-SP, ex-sindicalista, sobre a grita das centrais após a Câmara aprovar, anteontem, projeto que desobriga o trabalhador de pagar o imposto sindical - *Folha de S. Paulo*, 19-10-2007

## Agenda de eventos

### **Dia 22/10/2007**

1ª Grande Conferência: As religiões e a Ética Mundial

Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - Por uma Ética Mundial

Hans Küng

Horário: 20h

Local: Auditório Central/Unisinos

### **Dia 24/10/2007**

Raúl Prebisch e o pensamento da Cepal<sup>1</sup>

III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Prof. Dr. Ricardo Bielschowsky - UFRJ e Cepal

Horário: das 19h 30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Desafios da Biotecnologia no Brasil e seus Potenciais Impactos para a Sociedade do Século XXI<sup>2</sup>

III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias

Prof. Dr. Tarso Benigno Ledur Kist - UFRGS

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

### **Dia 25-10-2007**

O Índio na História do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>

Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura

Prof. Dr. Ignácio Schmitz - Instituto Anchieta/Uni

Horário: das 19h30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

### **Dia 27-10-2007**

O fenômeno da alienação - Filme: *Os idiotas (Idioterne)*, de Lars Von Trier<sup>4</sup>

Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema

Profa. Dr. Gláucia Angélica Campregher - Unisinos

Horário: das 8h45min às 11h45min

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

<sup>1</sup> Confira a entrevista com Ricardo Bielschowsky nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Confira entrevista com Tarso Ledur Kist nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> Confira a entrevista com Ignácio Schmitz - Instituto Anchieta/Uni. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>4</sup> Confira nota sobre o evento nesta edição.

# Mudanças no pensamento da Cepal

ENTREVISTA COM RICARDO BIELSCHOWSKY

*“Não há nenhum obstáculo macroeconômico ou estrutural para a retomada do crescimento” brasileiro, disse Ricardo Bielschowsky, em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail. Para o economista da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) no Brasil, o problema está no Banco Central, que tem “sido excessivamente ortodoxo em sua política monetária”. Sobre a inserção da América Latina no mercado internacional, Bielschowsky diz que é necessário diversificar a pauta produtiva e exportadora. Ao adotar essa medida, a região aumentaria mais rapidamente a produtividade e a competitividade. Assim, explica, os países latino-americanos poderiam defender-se das oscilações na economia mundial. Em seguida, dispara: “apesar de todos os progressos nos últimos 60 anos, não avançamos em forma suficiente para alterar substantivamente nossa inserção internacional, e continuamos muito vulneráveis”.*

*Bielschowsky é autor de Pensamento econômico brasileiro - O ciclo ideológico do desenvolvimentismo: 1930-1964, publicado em 2000 pela Editora Contraponto e organizador da coletânea Cinquenta anos de pensamento na Cepal, publicada em 2000 pela Editora Record.*

*Ele concedeu a entrevista A Cepal e a análise do Brasil e da América Latina à IHU On-Line na edição 201, de 23 de outubro de 2006, intitulada O Brasil que a gente quer. O material está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).*

**IHU On-Line - A Cepal nasceu sob a influência dos economistas Prebisch<sup>1</sup> e Furtado<sup>2</sup> que valorizavam o**

---

<sup>1</sup> Raúl Prebisch (1901-1986): Economista argentino. Foi o mais destacado intelectual da CEPAL, tendo iniciado a linha estruturalista do pensamento econômico. Prebisch ocupou o principal cargo da CEPAL até 1963, quando deixou a instituição, a pedido do Secretário Geral da ONU, U Thant, para assumir o cargo de Secretário Geral da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, com sede em Genebra), que havia sido criada, em janeiro de 1963, pelo Conselho Econômico e Social da ONU. A primeira conferência da UNCTAD realizou-se no Palácio das Nações em Genebra, de 23 de março a 15 de junho de 1964. Nesta ocasião, Prebisch apresentou o informe “Nova política comercial para o desenvolvimento”. A UNCTAD permitiu a projeção mundial das idéias de Prebisch sobre industrialização e

---

desenvolvimento. Aposentou-se das Nações Unidas em 1972. Entre algumas de suas principais obras estão: *Problemas teóricos y prácticos del crecimiento económico* (1951), *Transformação e desenvolvimento: a grande tarefa da América Latina* (1970) e *Capitalismo periférico: crisis y transformación* (1981). (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Celso Furtado (1920-2004): Economista brasileiro, foi membro do corpo permanente de economistas da ONU e diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954); *Formação econômica do Brasil* (1959). A IHU On-Line repercutiu na 155ª edição a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas

planejamento e a tentativa de colocar as empresas transnacionais a serviço dos projetos nacionais de desenvolvimento. Com o tempo, esse quadro se inverteu e as transnacionais passaram a ser vistas como principal agente dentro do processo de desenvolvimento. Assim, como o senhor avalia essas transformações no pensamento econômico da Cepal?

**Ricardo Bielschowsky** - A questão das empresas transnacionais só entrou na discussão da Cepal, como de resto de toda a intelectualidade da América Latina, lá pelo final dos anos 1950, ou seja, dez anos depois que Prebisch havia formulado a teoria cepalina do desenvolvimento na periferia latino-americana, e que Furtado o havia secundado nisso.

Naqueles primórdios da industrialização pesada, pensava-se que as multinacionais dos setores industriais não se interessariam em produzir na América Latina. A referência teórica conservadora ainda era o velho esquema das vantagens comparativas na divisão internacional do trabalho, e a prática confirmava a idéia do desinteresse das empresas dos países desenvolvidos. A menos que fizessem um grande esforço autônomo, estaríamos condenados a exportar produtos primários e importar bens industriais. Prebisch e Furtado levantaram a bandeira da industrialização, mas inicialmente não davam ênfase à questão das multinacionais, porque a questão não se colocava para eles.

Com a chegada das multinacionais na década de 1950 é que se iniciou uma discussão sobre elas. Especialmente nos anos 1960 o debate foi intenso. Passou-se a desconfiar que o tipo de estrutura produtiva que elas traziam era pouco adequada às condições locais - era intensiva em capital - e reproduzia condições de demanda que só funcionavam a contento se houvesse concentração de renda. Nascia a “teoria da dependência”.

---

para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line** - Essas mudanças trouxeram algum benefício para os países da América Latina, já que as empresas transnacionais tornaram-se líderes no panorama industrial, ganhando enorme peso nas negociações com os governos, não havendo políticas que tocassem em seus interesses?

**Ricardo Bielschowsky** - Vamos dividir a pergunta em duas partes. A primeira é econômica, e a resposta é positiva, ou seja, sim, trouxeram benefícios, especialmente nos países de maior tamanho relativo - e mais ainda no Brasil -, porque com elas foi possível avançar muito no processo de industrialização. Teria sido melhor fazê-lo de forma autônoma, como fizeram a Coreia e Taiwan, ou pelo menos coordenar as decisões dessas empresas com objetivos nacionais nobres, como é o caso de desenvolvimento e produção local de produtos intensivos em tecnologia, e a realização local de P&D. Mas as sociedades e os Estados latino-americanos não estavam vocacionados para a tarefa.

No caso do Brasil, a industrialização brasileira foi um êxito, e as multinacionais concorreram para o êxito. Sem a industrialização, seríamos possivelmente uma nação com problemas sociais muito maiores do que hoje temos - e olhe que não temos poucos. Mas faltou, por certo, introduzir algumas condicionantes para maximizar os ganhos para o país.

Vamos à segunda parte. As multinacionais e as empresas locais modernas em geral trabalharam na América Latina com base a um núcleo de demanda de altas rendas, em meio a países com muita pobreza e subdesenvolvimento. Reproduzia-se aqui em escala muito pequena as pautas produtivas e de consumo existentes nos países desenvolvidos, sem o progresso técnico e os ganhos de escala que lá ocorriam, e sem a transmissão da produtividade a salários. As empresas ganhavam muito dinheiro, as elites consumiam em padrões europeus ou norte-americanos, e a pobreza se ampliava. Isso tem, é

claro, uma contrapartida nas relações de poder e dominação.

Mas não é possível estabelecer uma regra geral para identificar as relações entre as multinacionais e as estruturas de poder e de dominação na história dos países da América Latina. Cada país tem sua própria história, com diferentes graus de autonomia entre poder econômico e poder político, e com diferentes formas de participação de agentes estrangeiros na evolução dos acontecimentos políticos.

### ***IHU On-Line* - Quais são as atuais propostas da Cepal para superar o subdesenvolvimento dos países latino-americanos?**

**Ricardo Bielschowsky** - Para a região, a Cepal tem propostas em várias áreas. As três principais são: a macroeconomia, o setor real da economia, e a área social.

#### **1) A macroeconomia**

Na macroeconomia, a proposta da Cepal é de preservação dos equilíbrios macroeconômicos, consciente, porém, de dois fenômenos. Primeiro, os ciclos. E propõe gerar capacidade de executar políticas anticíclicas, vale dizer, ganhar musculatura fiscal para enfrentar as oscilações e os humores da economia internacional. Segundo, entende que as nossas economias são vulneráveis pelo lado externo, e por isto considera importantes duas coisas, no plano macroeconômico: uma nova arquitetura financeira internacional - por exemplo, maior participação dos países de desenvolvimento nas decisões das agências multilaterais, eventualmente o surgimento de mecanismos para enfrentar emergências financeiras, mecanismos mundiais ou regionais (Fundos regionais), e atenção aos excessos do fluxo de capitais voláteis, eventualmente por meio de monitoração da taxa de câmbio, e de usos de mecanismos como “quarentena” sobre entrada de capitais de curto prazo.

#### **2) O setor real da economia**

Historicamente, a grande contribuição da Cepal tem sido na questão do chamado desenvolvimento das forças produtivas. Preocupa-se com infra-estrutura de qualidade, com sistemas de inovação que acelerem a acumulação de capacidades tecnológicas, e com o fomento à transformação produtivas em suas várias dimensões: diversificação da estrutura produtiva e das exportações, encadeamentos produtivos das exportações e do investimento estrangeiro direto com outras atividades econômicas internas, formação de “clusters produtivos”, fomento às pequenas e médias empresas e às microempresas, reestruturação de setores não competitivos, e um novo papel para os mercados internos e regionais.

#### **3) Área social**

Na área social, o que se destaca é a idéia de solidariedade, da busca de arranjos que conduzam à coesão social. Insiste-se nas políticas públicas que combatam a pobreza e que contenham esquemas universais de atendimento e valorização da população, nas áreas de saúde, saneamento básico, educação, capacitação etc. A previdência deve ser montada a partir de esquemas de solidariedade e universalidade, ou seja, que os mais pobres não sejam abandonados por falta de capacidade de pagamento de sistemas de pensão e aposentadoria.

***IHU On-Line* - Sobre as estratégias de desenvolvimento do Brasil, o senhor disse em outra entrevista à *IHU On-Line*, que seria necessário identificar as diferenças entre os países da América Latina. Como essas diferenças podem auxiliar no crescimento dos países latino-americanos?**

**Ricardo Bielschowsky** - Cada país deve seguir o caminho no qual seu potencial de crescimento seja

maior, e os países são muito distintos entre si. Penso, por exemplo, num esquema em que o Brasil avance na combinação virtuosa entre, por um lado, indústria intensiva em conhecimento e, por outro, aproveitamento de recursos naturais com uso intensivo de em conhecimento. O Chile pode avançar muito nos recursos naturais com intensificação de uso de tecnologia, mas pouco na indústria. A Argentina é um país intermediário entre o Chile e o Brasil. O México tem lá suas características, e a saída deles dificilmente pode desconsiderar os profundos vínculos com os Estados Unidos. Os países de menor tamanho relativo têm outras prioridades, e isto tudo tem que ser estudado, país por país.

***IHU On-Line* - Para onde apontam as pesquisas da Cepal referente às economias latino-americanas?**

**Ricardo Bielschowsky** - Espera uma expansão do PIB de cerca de 5% em 2007, e um pouco menos para 2008. Na área social, é difícil ter “projeções” anuais; a questão social é de longo prazo. A Cepal, além de monitorar pobreza e desigualdade, tem acompanhado os países frente aos objetivos do milênio da ONU, os ODMs<sup>1</sup>. Nesse sentido, alerta para aqueles que estejam mais longe dos objetivos. O Brasil tem tido um desempenho satisfatório no que diz respeito a melhorias dos ODMs, salvo em saneamento básico, em que está longe de chegar aos níveis estabelecidos pelas ODMs.

---

<sup>1</sup> ODMs: São oito parâmetros para a ação de todos na sua comunidade, no seu espaço de atuação e de vivência, doando-se em um projeto de solidariedade, ajudando a transformar a sociedade em que vive e melhorando a qualidade de vida de sua região. OS ODMs são: erradicar a extrema pobreza e a fome; atingir o ensino básico universal; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; e estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento. (Nota da *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Qual é a sua percepção, em particular, sobre a inserção internacional da América Latina no mercado?**

**Ricardo Bielschowsky** - Acho que continuamos excessivamente dependentes de recursos naturais em forma convencional. Há que diversificar a pauta produtiva e a pauta exportadora na direção de bens com maior intensidade de conhecimento, sejam agrícolas, minerais ou industriais. Isso permitiria à região aumentar mais rapidamente a produtividade e a competitividade, defender-se melhor das oscilações na economia mundial e evitar a deterioração de termos de intercâmbio. Os objetivos que moviam a Cepal em sua inauguração, permanecem válidos, infelizmente. Isso significa que, apesar de todos os progressos nos últimos 60 anos, não avançamos em forma suficiente para alterar substantivamente nossa inserção internacional, e continuamos muito vulneráveis.

***IHU On-Line* - O senhor disse que o será possível o Brasil recuperar o crescimento econômico nos próximos anos. Como se dará esse crescimento? Quais são as estratégias para retomar o desenvolvimento em apenas dois anos?**

**Ricardo Bielschowsky** - Não há nenhum obstáculo macroeconômico ou estrutural para a retomada do crescimento. O banco central é que está atrapalhando, porque tem sido em todos esses anos excessivamente ortodoxo em sua política monetária, e com isto excessivamente permissivo com a valorização da taxa cambial.

***IHU On-Line* - O Banco do Sul reforçará as relações econômicas entre os países do Mercosul? Qual é a sua avaliação da proposta de Hugo Chávez?**

**Ricardo Bielschowsky** - Ainda não se sabe bem o que é. Pode ser um banco de reservas, para gerenciar reservas contra volatilidade, isto é, banco de socorro a

países em dificuldades, complementar ou substituto ao FMI. Outra possibilidade é que venha a ser um banco de fomento, do tipo BID ou Banco Mundial, que exige retorno econômico. Um terceiro é que seja um banco de correção de assimetrias econômicas e sociais, ou seja, um banco sem o objetivo de retorno, visando a enfrentar desequilíbrios regionais e ajudar os países e regiões mais pobres, como alguns fundos regionais europeus.

**IHU On-Line - E o Brasil terá alguma vantagem com isso?**

**Ricardo Bielschowsky** - O Brasil é muito grande para poder aproveitar qualquer uma das três linhas. Mas ganha em solidariedade regional. O Brasil precisa ser mais generoso com os vizinhos, a médio e longo prazo ganhará muito com a atitude, e os vizinhos também. O Brasil não precisa ser líder de ninguém, mas pode liderar o incentivo à harmonia entre as nações da América do Sul. Para isto, precisa ter uma agenda correspondente. Quem sabe, o Banco do Sul pode ser parte dessa agenda.

## **Biotecnologia, sinônimo de desenvolvimento?**

ENTREVISTA COM TARSO LEDUR KIST

*Os desafios a serem trabalhados pelas Ciências Sociais tanto no campo da nanotecnologia como no da Biologia Molecular já foram executados em outras áreas, quando foi inventada a pólvora, o dinamite e a máquina a vapor, lembra o Prof. Dr. Tarso Ledur Kist, do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em entrevista concedida por e-mail, à IHU On-Line, o pesquisador diz que os desafios da Biotecnologia no Brasil ainda são enormes, “porque possuímos uma biodiversidade e recursos biológicos como poucos países”, mas, por outro lado, “não possuímos uma cultura científica, investigativa, prática e pragmática como outras”. No entanto, esses fatores não impedem os novos estudos na área, que avançam gradativamente, testando os efeitos das nanopartículas em seres vivos e no meio ambiente. Kist alerta que todo o desenvolvimento tecnológico traz riscos e benefícios para a sociedade, mas ao que tudo indica a biotecnologia e a nanotecnologia vieram para ficar. Segundo o professor, novos processos e fenômenos estão sendo descobertos, o que demonstra que não há esgotamento ou limites para futuros desenvolvimentos na área. “É exatamente neste fato que reside a certeza de um grande mercado em potencial e da capacidade destas disciplinas afetarem todos os setores da economia, desde os mais tradicionais e até de criar novos setores econômicos”, conclui.*

*Tarso Ledur Kist é mestre em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Ciências pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), pós-doutor em Ciências Biológicas pela University of Ottawa, U.O., Canadá e pelo Max Planck Institute for Molecular Genetics, MPI, Alemanha. Para ampliar o debate sobre as biotecnologias, o Prof. Dr. Tarso Ledur Kist, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estará presente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias. O pesquisador proferirá a palestra Desafios da Biotecnologia no Brasil e seus Potenciais Impactos para a Sociedade do Século XXI, na quarta-feira, 24-10-2007, na sala 1G119, às 17h30min.*

***IHU On-Line - Qual é a influência da nanotecnologia na Biologia Molecular?***

**Tarso Ledur Kist** - Toda a influência que a nanotecnologia vai exercer sobre a Biologia Molecular é difícil prever. Primeiro, porque a nanotecnologia ainda está em pleno desenvolvimento como ciência aplicada. Além disto, a Biologia Molecular também está, a toda hora, descobrindo e elucidando processos moleculares novos. São dois campos em franca expansão, e o sinergismo das duas já está e vai criar uma gama muito grande de possibilidades tecnológicas.

***IHU On-Line - Quais são as diferenças na implantação de moléculas biológicas e as artificiais em seres vivos?***

**Tarso Ledur Kist** - Existem alguns temores sobre os riscos envolvidos. Alguns são claramente infundados, mas todos são levados a sério e bastante estudados. Por exemplo, fala-se em nanopoluição. Porém, passar um verão na praia é muito agradável, apesar de existirem muitas nanopartículas de sílica resultantes da erosão das partículas de areia. Ou seja, muitos tipos de nanopartículas sempre existiram e estamos plenamente adaptados à sua existência. Porém, algumas são novas e de ocorrência rara na natureza. Existem vários laboratórios testando exaustivamente o efeito destas nanopartículas sobre os seres vivos e o meio ambiente. Todo o desenvolvimento tecnológico traz riscos e benefícios. Precisamos lidar com eles, criar a legislação pertinente, trabalhar os aspectos éticos e sempre pautar as decisões na relação custo-benefício.

***IHU On-Line - Quais são as principais implicações e impactos do uso da biotecnologia para a sociedade?***

**Tarso Ledur Kist** - A nanotecnologia e a biologia molecular, juntas ou em separado, trazem um conjunto de desafios a serem trabalhados pelas ciências sociais. Durante os últimos séculos, isto já ocorreu com várias

tecnologias. Por exemplo: quando foi inventada a pólvora. Depois, quando foi inventado o dinamite. Com a invenção da máquina a vapor e do motor a combustão interna. Com a manipulação e uso da energia elétrica. Com a manipulação da energia nuclear. Com o desenvolvimento dos organismos geneticamente modificados e outros. Não vemos nenhuma manifestação ou marcha contra a pólvora. Nenhuma marcha contra a dinamite. Nenhuma passeata contra o uso da eletricidade.

Mas devemos protestar contra o mau uso que se faz destes conhecimentos. Isto sim deve ser rigidamente monitorado pelos estados, pelas organizações e sociedade civil. Por um lado, devemos fortemente apoiar os nossos cientistas que pesquisam profundamente estes temas e os respectivos riscos e perigos envolvidos. Por outro lado, devemos exercer a crítica e ser vigilantes contra aqueles que fazem mau uso destas ciências. Não deve-se combater a ciência em si, pois com ela devemos e podemos conseguir uma padrão de vida mais digno a todos, a cura de muitas doenças e maior expectativa de vida, a despoluição do meio ambiente, maior segurança contra catástrofes e pandemias etc.

***IHU On-Line - Com a biotecnologia, quais são as principais modificações que se pretende alcançar na produção de alimentos e na medicina?***

**Tarso Ledur Kist** - Com a biotecnologia pretende-se produzir mais, a um menor custo, com melhor aproveitamento do solo, com menos poluição e maior segurança. Em outras palavras, é isto que se alcança ao se desenvolver culturas com maior rentabilidade ou processos de fabricação de fármacos, enzimas e insumos em geral mais rentáveis.

***IHU On-Line - A biotecnologia pode ser uma das soluções para a crise da biodiversidade e da extinção***

**das espécies biológicas? Até que circunstâncias isso é possível?**

**Tarso Ledur Kist** - A biotecnologia e a genéticas são uma das maiores ferramentas para aumentar a biodiversidade e frear a extinção de espécies.

Provavelmente, nos próximos anos, algumas espécies já extintas serão trazidas de volta com o uso da biotecnologia e genética. Pode-se esperar que esta busca se intensifique num horizonte de 10 a 50 anos.

**IHU On-Line** - **Quais são os desafios da biotecnologia no Brasil?**

**Tarso Ledur Kist** - Os desafios da biotecnologia em nosso país são enormes e numa situação bastante contraditória. Primeiro, porque possuímos uma biodiversidade e recursos biológicos como poucos países. Mas, por outro lado, não possuímos uma cultura científica, investigativa, prática e pragmática como outras. O consolo é que existem indicadores mostrando uma aceleração rumo a uma sociedade com maior nível de educação, mais esclarecida, mais pragmática, mais experimental e mais tecnológica.

**IHU On-Line** - **O Brasil deve investir em biotecnologia para viabilizar a alta produção de combustível? Que relações existem entre essas duas áreas?**

**Tarso Ledur Kist** - Pode-se fazer previsões sobre as contribuições da biotecnologia num horizonte de até 10 ou 20 anos. Para um horizonte de 20 ou além já fica menos provável acertar. Vejam por

exemplo a ciência da computação e internet. Quem poderia prever em 1980 que elas transformariam o mundo tão drasticamente em 20 anos? E para melhor? Portanto, a contribuição da biotecnologia para o aumento da produção de combustíveis já é uma realidade. Existem fortes indícios que os biocombustíveis terão um uso crescente somente até 2015 ou 2020. Neste intervalo outras formas muito mais eficientes e viáveis passarão a ter um uso crescente. Ou seja, entre 2015 e 2025 teremos várias formas de energia sendo usadas nos transportes, na indústria de transformação e na iluminação. Nesta última teremos o uso intenso de LEDs e OLEDs.

**IHU On-Line** - **Qual será a contribuição da biotecnologia no futuro? O processo de biotecnologia ajudará a agregar valor na economia?**

**Tarso Ledur Kist** - O potencial da biotecnologia e da nanotecnologia de agregar valor à economia é realmente muito grande. Existem muitos produtos em potencial a serem criados. Existem muitos fenômenos e processos novos sendo descobertos a toda hora e não conseguimos ver um esgotamento ou um limite para estas descobertas e desenvolvimentos. É exatamente neste fato que reside a certeza de um grande mercado em potencial e da capacidade destas disciplinas afetarem todos os setores da economia, desde os mais tradicionais e até de criar novos setores econômicos.

## Investigações arqueológicas revelam passado indígena

ENTREVISTA COM PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ

*“Cada expedição arqueológica traz surpresas e nossos trabalhos nunca são definitivos, porque ainda estamos desbravando o imenso território brasileiro”, conta Pedro Ignácio Schmitz, antropólogo e professor da Unisinos, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Durante sua trajetória como pesquisador e antropólogo, Schmitz diz que teve uma grande emoção quando descobriu um sítio arqueológico há cinquenta metros da casa em que nasceu, local onde há 7.000 anos a.C. viviam os índios. “Certamente aí nasceu minha vocação de arqueólogo”, relembra.*

*Diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos, Schmitz diz que as atuais pesquisas arqueológicas não têm mais um caráter acadêmico, e sim de “salvamento quando se fazem novas barragens, linhas de transmissão, reflorestamento e outras intervenções no solo”. Pedro Ignácio Schmitz é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Cristo Rei, em Geografia e História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e em Teologia, pela Pontifícia Faculdade de Filosofia e Teologia de Cristo Rei. Também é doutor em Geografia e História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).*

*Eis a entrevista:*

**IHU On-Line** - Como estão suas atuais pesquisas referentes aos indígenas? De que maneira os novos estudos nos ajudam a rever a imagem do índio que perdurou por muitos anos no imaginário social?

**Pedro Ignácio Schmitz** - O avanço das pesquisas se dá principalmente pela ação da equipe interdisciplinar do Instituto Anchietano de Pesquisas e a orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado no PPG de História, abrangendo a formação dos grupos indígenas antes da chegada dos europeus, a ação do colonizador e a política do Estado. Os novos estudos nos apresentam melhor o que era e como vivia a população nativa, como reagia aos mecanismos coloniais e como se afirma hoje na consolidação de sua identidade e na busca de novos espaços.

**IHU On-Line** - Que dados e objetos encontrados em sítios arqueológicos demonstram o dia-a-dia do índio no Estado e sua relação com a natureza e a vida?

**Pedro Ignácio Schmitz** - A pesquisa principal relaciona-se ao estudo das aldeias, nas quais se podem observar a organização das moradias com seus apetrechos e instrumentos, as formas de depositar os mortos, a disposição e qualidade do lixo. Também estudamos suas excursões para caçar, pescar e coletar produtos naturais. Cada um dos grupos nativos tem sua forma tradicional de fazer estas coisas, o que chamamos sua “cultura”. Os antepassados dos Kaingang viviam em casas com os pisos profundamente rebaixados, nos pinheirais do planalto, nos quais conseguiam a maior parte de sua subsistência. Os antepassados dos Guaranis viviam em aldeias de casas de palha nas matas virgens plantando seus alimentos, à

semelhança do que fizeram posteriormente os imigrantes alemães; as pinturas com que suas mulheres decoravam as painéis mostram grande habilidade e gosto. Por sua vez, os Charruas e Minuanos viviam em tendas móveis, caçando nos campos, pescando nas grandes lagoas e colhendo os frutos das palmeiras butiá e jerivá.

***IHU On-Line* - Como estão suas pesquisas no município de Taió, em Santa Catarina? Quais são as principais evoluções desde 1985?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - O projeto Taió, junto às nascentes do rio Itajaí, em Santa Catarina, é o projeto-pai de nossas pesquisas na Unisinos. Paralelamente ainda existem, no Planalto Meridional, os projetos São Marcos, perto de Caxias, e São José do Cerrito, perto de Lajes, estudando também “casas subterrâneas”, e Arroio do Sal, estudando sambaquis. Em Taió escavamos “casas subterrâneas” e sítios de acampamentos de caçadores. As casas subterrâneas estão datadas do século VIII ao século XIII de nossa era; podem ser dos antepassados dos índios Botocudos (hoje chamados Xokleng), que ofereceram grande resistência à fundação e expansão da colônia Blumenau. Os acampamentos dos caçadores começaram 7.000 anos a.C. e continuaram ao menos até o século XIII. Uma de nossas perguntas é se também estes acampamentos estão ligados à formação dos Xokleng. Desde 1985, os grupos que viviam em “casas subterrâneas”, antepassados dos índios Kaingang e Xokleng, são muito mais conhecidos, o que não quer dizer que não haja o que fazer para uma próxima geração de arqueólogos.

***IHU On-Line* - Em sua trajetória de pesquisas sobre os índios, que informações o senhor já encontrou que mais lhe surpreenderam?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - Cada expedição arqueológica traz surpresas e nossos trabalhos nunca são definitivos, porque ainda estamos desbravando o imenso território

brasileiro. Às vezes, as coisas estão debaixo de nossos próprios pés e não as vemos. Uma de minhas maiores surpresas aconteceu quando um colaborador meu, na década de 1960, encontrou um sítio arqueológico numa pequena gruta que ficava cinquenta metros atrás da casa em que eu nasci. Neste pequeno abrigo eu brinquei muito. Em 1970, escavei o sítio, mas só recentemente mandei datar e este ano (2007) publiquei. Pois é, os índios moravam aí 7.000 anos a.C. Certamente aí nasceu minha vocação de arqueólogo.

***IHU On-Line* - Como o senhor percebe os estudos arqueológicos no Estado? De que maneira as pesquisas arqueológicas contribuem para esclarecer a historicidade dos indígenas?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - Hoje, a maior parte das pesquisas arqueológicas no Estado não mais tem caráter acadêmico, mas de salvamento quando se fazem novas barragens, linhas de transmissão, duplicação de estradas, reflorestamento e outras intervenções no solo. Muitas vezes, também estes trabalhos terminam como dissertações ou teses acadêmicas. Com isto, o conhecimento não se interrompe, embora ele não esteja mais tão claramente restrito ao Estado; hoje o arqueólogo trabalha em âmbito nacional, lá onde aparecer “serviço”.

***IHU On-Line* - Que relação é possível traçar entre brancos e índios? Como os brancos visualizavam os indígenas quando chegaram ao Estado?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - O colonizador que chegou considerava os índios selvagens, “sem lei, sem rei, sem religião”. A ação correspondente podia ser a matança, a escravidão, ou a conversão e civilização. Se ele se opunha ou incomodava, era a guerra. Alguns grupos mais desenvolvidos podiam ser transformados em mão-de-obra, como escravos, na economia colonial falta de braços. A missão, ou a catequese, na qual se buscava

formar a personalidade do indígena dando-lhe uma feição européia, era uma das propostas mais comuns. Com o sucessivo avanço dos colonizadores, os nativos que sobreviveram às ações iniciais, às epidemias e à pobreza, foram confinados em “reservas”, liberando o terreno para os “brancos”, especialmente para os imigrantes europeus. Nestas reservas, tanto as subordinadas ao Estado quanto as do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a orientação era deixá-los evoluir por sua conta e risco, sem maiores intervenções da administração. Mas como as reservas, no Rio Grande do Sul, estavam no mesmo espaço em que se criaram novas colônias para os descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses e para o escoamento de sua produção foram abertas estradas de rodagem e de ferro, a pressão sobre as “reservas” se fez cada vez mais forte, sufocando seus moradores.

***IHU On-Line - Que mudanças ocorreram com o tempo? O homem branco mudou sua percepção perante o índio?***

**Pedro Ignácio Schmitz** - Nas últimas décadas, desenvolveu-se forte conscientização das populações indígenas, resultado de ações de antropólogos, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), de igrejas pentecostais e de ONGs, que redundaram em maior afirmação de sua identidade como índios específicos (Kaingang, Xokleng, Mbyá, Kaiowá). Esta afirmação vem acompanhada de considerável aumento demográfico, insistência na demarcação das terras das reservas, reivindicação de novos espaços no campo, criação de associações civis para representá-los perante órgãos do governo e ONGs, estabelecimento de núcleos indígenas urbanos, escolarização generalizada, bilíngüe ou em escolas públicas e o aproveitamento de cotas nas universidades para a formação de profissionais de todas as categorias: não só professores, mas também enfermeiros, advogados, técnicos agrícolas, médicos,

para atender inicialmente às próprias comunidades, depois também para ocupar cargos na sociedade nacional e participação na política regional. Para isso, o discurso das lideranças é extremamente forte, sempre firmado na Constituição brasileira. Esta mudança é especialmente marcada entre os índios Kaingang. Os índios Mbyá (Guarani) usam outras estratégias, igualmente eficientes.

***IHU On-Line - Quais lugares do Estado eram predominantemente indígenas e como a presença do índio foi se modificando ao longo dos anos? Qual é a importância deles para a construção da etnicidade do Rio Grande do Sul?***

**Pedro Ignácio Schmitz** - Todo o planalto meridional era ocupado nos últimos dois milênios pelos Kaingang e seus antepassados. Como eles eram relativamente poucos e não eram agricultores nem estáveis nos seus estabelecimentos, não foram atingidos pelas missões, nem pela escravização paulista. Eles entraram na história quando, no século XIX, se precisou de seus territórios para a instalação dos imigrantes e para expansão das fazendas, ocasião em que foram confinados em reservas. Hoje, eles são mais de 20.000 indivíduos, muito ativos, cuidando de seus próprios interesses.

Os vales dos grandes rios e as encostas do Planalto Meridional, cobertos por densas florestas, foram colonizados, desde alguns séculos depois de Cristo, pelos Guaranis, que formavam uma população agrícola grande e densa. No século XVII, eles foram ou missionados pelos jesuítas, ou colocados a serviço dos colonos espanhóis, ou escravizados pelos paulistas. Com a decadência das missões, eles se dispersaram e praticamente desapareceram. Entretanto, sua trajetória forma importante capítulo da História do Rio Grande do Sul. Hoje, temos novamente numerosos pequenos núcleos de guaranis (Mbyá), que vêm da Argentina e do Paraguai e migram ao longo do Oceano em busca da “terra-sem-males”.

Os Charruas e os Minuanos, que antigamente viviam nos campos do Sul do Estado, no Uruguai e parte da Argentina, foram praticamente exterminados em 1838 quando sua presença no Uruguai se tornou inoportuna. Seu sangue está muito presente na população do país vizinho.

**IHU On-Line - A religião católica é constituída pela Trindade. A crença dos indígenas é diferente. Como o senhor avalia a teologia indígena?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - Cada grupo indígena tem seus mitos, nos quais são apresentadas as divindades, sua origem, atuação e a relação com os humanos; os mitos também sinalizam o comportamento de seus seguidores. Os Mbyá, que atualmente migram no Estado, são extraordinariamente religiosos, tendo um templo em cada aldeia, no qual rezam muitas horas, todas as noites, com a participação de todos os membros do povoado. Nos antigos poemas, transmitidos por tradição oral, apresentam sua crença, que é parecida com a do cristianismo, mas nada tem a ver ele diretamente. “No começo, era a Palavra. Foi a Palavra que deu origem a tudo o que existe. Quando uma criança nasce é uma Palavra que assenta.” Como todo indivíduo, inclusive a criança pequena, é uma centelha divina, a liberdade é a característica da educação e da vida desses Mbyá.

**IHU On-Line - Como o senhor percebe a trajetória do Instituto Anchietano de Pesquisas? Qual o espaço que o Instituto oferece atualmente, para os estudos arqueológicos?**

**Pedro Ignácio Schmitz** - O Instituto Anchietano de Pesquisas foi criado em 1956 como um centro de pesquisa de jesuítas. No começo, ele abrangia muitos

setores de conhecimento, que foram sendo reduzidos com o decréscimo do número de jesuítas. Hoje, ele se dedica à pesquisa botânica, aos estudos arqueológicos e à divulgação científica e cultural. A equipe de arqueologia é sólida e ativa, publicando sistematicamente seus resultados, iniciando alunos de graduação na pesquisa e orientando dissertações de mestrado e teses de doutorado. Desde 1965, a equipe vem executando grandes programas: primeiro, ela desbravou o Rio Grande do Sul, depois, os cerrados do Brasil Central e o Pantanal do Mato Grosso do Sul. A partir de 1984, na continuação da obra do Padre João Alfredo Rohr<sup>1</sup>, S.J., ela se dedica ao litoral meridional e, nos últimos anos, retomou as pesquisas no planalto do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A pesquisa em áreas geográficas diferentes, com populações indígenas de origem e história variadas, lhe permite uma visão ampla dos fenômenos culturais das populações indígenas do Brasil.

---

<sup>1</sup> **João Alfredo Rohr (1908-1984):** Foi arqueólogo e é considerado o pai da arqueologia catarinense. Atuou como docente e pesquisador no tradicional Colégio Catarinense, foi Pesquisador-Chefe pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foi Conselheiro de Cultura do Estado de Santa Catarina. ingressou na Companhia de Jesus em 1927 e tornou-se sacerdote em 1939. Realizou trabalho importante e pioneiro em sítios arqueológicos na Ilha de Santa Catarina, no estado de Santa Catarina - notadamente no planalto a Oeste e no Rio Grande do Sul, como pesquisador convidado. Suas escavações recolheram farto material acerca dos carijós, povo indígena guarani que habitava a Ilha na época da colonização européia, e do primitivo Homem de Sambaqui, cujos artefatos mais antigos foram datados por ele em mais de 4500 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

## Idiota. Quem?

Quem nunca se sentiu um completo idiota? Ou um bobo e desiludido com a vida, tentando encontrar o seu lugar na existência humana?

É com essa idéia de idiotização que o diretor Lars Von Trier<sup>1</sup> brinca no filme *Os idiotas* (Idioterne). De acordo com a Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher, da Unisinos, o diretor “tem uma dimensão da idiotia que é negativa, péssima, onde os indivíduos de fato estão alienados da sociedade e são tratados como tal, como bobos”. Por outro lado, explica ela, “se há uma brincadeira onde indivíduos saudáveis se fingem de idiotas, nos perguntamos o que eles estão querendo com isso?”. A resposta é clara, diz a economista. “Os indivíduos estão querendo se reconhecer e perceber a sua dimensão de idiotização pelo sistema e o que eles são para além disso.”

Para refletir sobre a idiotice, um grupo de amigos reúne-se numa casa e passam a filosofar, tentando encontrar o idiota que está dentro de cada um. É com esse roteiro que o diretor Lars Von Trier nos convida a repensar nossa inclusão na sociedade. Na percepção da

---

<sup>1</sup> Lars Von Trier (1956): Cineasta dinamarquês. Ficou conhecido após fundar o manifesto Dogma 95, no qual há 10 regras para a produção de filmes, como: não usar cenários, não usar trilha sonora, usar apenas câmera de ombro etc. Seu único filme que segue essas regras é *Os idiotas*, de 1998. Trabalha em um projeto pessoal em que roda 3 minutos de filme todo dia em diferentes locações da Europa. Sua intenção é realizar este trabalho durante 33 anos e, como ele teve início em 1991, a previsão é que o filme seja lançado apenas em 2024. (Nota da *IHU On-Line*)

professora, os personagens do filme estão “tirando sarro da sociedade que exige deles uma série de comportamentos”. Ela acrescenta ainda que esse filme do Lars Von Trier mostra exatamente quem é o indivíduo “num dos atuais momentos do capitalismo e como esse indivíduo se coloca frente a um processo que para muito gente e para o próprio diretor do filme, é de idiotização das pessoas”. Para a professora, o diretor recupera a idéia de como nós podemos nos reaproximar tanto de nós mesmos e da sociedade.

Para ampliar o debate, a Profa. Dra Gláucia Angélica Campregher, da Unisinos, estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU participando do Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema, apresentando a palestra O fenômeno da alienação, com a exibição do filme *Os idiotas* (Idioterne), de Lars Von Trier. Para ela, a “idéia do Ciclo é mostrar não só como o capitalismo é visto pelo cinema, mas também alcançar a discussão da problemática do indivíduo”. O evento inicia às 8h45min e se estende até às 11h45min.

Gláucia já concedeu outras entrevistas à *IHU On-Line*. Destacamos a entrevista “A indústria top (e pop!) do mundo moderno”, publicada na edição 211, intitulada Amazônia. Verdades e mitos. O material está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

## Perfil Popular

### Osmar Nunes Xavier

*Não é de hoje que o esporte faz parte da vida de Osmar Nunes Xavier, 58 anos. No entanto, o gosto pelas atividades físicas se intensificou em 2002, quando Osmar se aposentou, após 44 anos de trabalho no ramo metalúrgico. Ao saber, pelo jornal, que a Unisinos oferecia práticas esportivas gratuitamente para alunos da terceira idade, ele se interessou e resolveu encarar o desafio. E, para aquecer, Osmar vai a pé de sua casa, no bairro Santa Tereza, em São Leopoldo, até a universidade. Em entrevista concedida à revista IHU On-Line, ao término de um jogo de câmbio (que utiliza uma forma lúdica para ensinar o posicionamento e a movimentação de uma partida de voleibol), Osmar falou dos benefícios do esporte, além dos ensinamentos do pai, dos filhos e da infância humilde, que lhe fez desenvolver a criatividade para ter com o que brincar. Confira, a seguir, a entrevista:*



**Origens** - Foi no bairro Santa Tereza, em São Leopoldo, que Osmar Nunes Xavier nasceu e mora até hoje.

“Praticamente estudei, fiz a minha formação e trabalhei a maior parte da minha vida também em São Leopoldo”, revela. Para Osmar, depois de Porto Alegre, São Leopoldo é melhor município, quanto ao comércio, empresa e vida noturna. “Até uns anos atrás, era um dos grandes pólos metalúrgicos”, salienta.

**Família** - “Somos nove irmãos: cinco homens e quatro mulheres”, conta Osmar que é o mais novo, com 58 anos. Como os irmãos mais velhos já trabalhavam, o convívio maior foi com as irmãs. E Osmar afirma que, embora a família fosse numerosa, não havia espaço para brigas. “Meu pai conseguiu nos dar uma educação que a gente se tolerava bastante”, destaca. O pai de Osmar era colono, do Morro dos Bois, localizado entre Gravataí e a Lomba Grande. “Ele começou carreteando farinha para São

Leopoldo. Depois, resolveu se estabelecer por aqui. Ele conseguiu ser funcionário público, e fazia o tratamento hidráulico na cidade.” Quanto à mãe, dona-de-casa, Osmar tem recordações vagas, pois ela faleceu quando ele tinha quatro anos de idade.

**Infância** - “Como o meu pai era sozinho e funcionário público, ele nos criou com dificuldades financeiras.” Osmar recorda que alimentação nunca faltou, ao contrário dos brinquedos. “A gente olhava os brinquedos e fazia. Os carrinhos de lomba eram feitos com rodas de eucalipto, e ia para o fogão à lenha com o ferro quente e furava, porque não tínhamos ferramentas.” Apesar do sacrifício, Osmar reconhece que este período de sua vida foi muito bom e “fez com que a gente desenvolvesse a criatividade”, avalia.

**Estudos** - “Nunca fui um bom estudante, mas me

considero um privilegiado, porque meus irmãos tiveram que começar a trabalhar cedo, e eu consegui ficar até a 2ª série do Ginásio só estudando”, revela Osmar. Aos 14 anos, ele teve a carteira de trabalho assinada pela primeira vez, quando passou a estudar no Senai, onde fazia o curso de mecânica à tarde. E ainda estudava à noite para concluir os estudos. A força para não abrir mão do conhecimento veio do seu pai. “O que levou o meu pai a me colocar no Senai foi o fato de eu aprender uma profissão, mesmo que não gostasse, e ainda ter uma renda, na época, meio salário mínimo. Ele estudou até o 3º ano primário e transmitiu para nós que a chave para abrir as oportunidades era o estudo. O depois vai depender do que tu tem na cabeça. E isso eu transmiti para os meus filhos.” Para garantir a profissão, Osmar estudou eletromecânica na Escola Técnica Frederico Schmidt. “Depois disso, eu casei e parei de estudar um tempo”, conta. Ao sentir que o curso técnico já não seria mais suficiente, Osmar decidiu voltar para a sala de aula. “Naquela época, por volta de 1976, aqui na Unisinos, existia o curso de Engenharia Operacional, de 44 cadeiras. Mas a maioria das empresas não aceitava as pessoas como engenheiros, mas como técnicos ‘melhorados’”, lembra.

**Trabalho** - As experiências profissionais de Osmar se dividem em diversas empresas, como a Arplac, pioneira em calçados injetados, e as metalúrgica Maxiforja e Usimec. No entanto, foi na Rossi, especializada em armamentos, que sua carreira se solidificou. “Quando estudei no Frederico Schmidt eu precisava estagiar para conseguir o diploma e, por isso, tinha que ir para uma empresa maior. Então, em 1971 eu fui para a Amadeo Rossi e acabei ficando lá por 20 anos”, destaca.

**Casamento** - Aos 24 anos, Osmar casou com Maria Inês, mas o matrimônio não estava nos seus planos. “Às vezes, as coisas muito planejadas acabam não se realizando ou

não dando certo, por receio ou qualquer probleminha pequeno. Outras vezes, as coisas acontecem aos ‘trambolhões’ e dão certo. Esse foi o meu caso. Eu não estava preparado, mas recebi ajuda da minha família, principalmente da minha sogra.”

**Filhos** - Pai de três filhos: Alan, 34 anos, engenheiro mecânico; e os gêmeos Anderson, técnico em mecânica, e Anelise, pedagoga, de 28 anos, Osmar se orgulha em ter garantido que até os 18 anos eles só estudassem. “O que o meu pai nos passou, a necessidade da gente saber alguma coisa e ter uma profissão, eu consegui passar para eles. Uma das minhas metas era dar uma formação a eles e eu consegui”, ressalta. Mesmo ciente de que era preciso incentivar os filhos, Osmar admite: “Nunca dei o peixe, mas ensinei a pescar”.

**Volta aos estudos** - Quando tinha quase 30 anos, Osmar decidiu cursar Engenharia Operacional na Unisinos. Como estava há um bom tempo sem estudar, ele entrou para um cursinho pré-vestibular, e conseguiu passar na opção desejada. “O curso era de cerca de quatro anos, e uma boa parte do conteúdo eu já tinha visto no curso técnico. Quando entrei, fiz um semestre e extinguiram o Operacional, pelo não reconhecimento, e implantaram o curso de Engenharia Mecânica. Só que aumentou o número de cadeiras, de 44 para 76”, conta Osmar. Cursando três disciplinas por semestre, ele começou a fazer as contas: “são 76 cadeiras, três cadeiras por semestre, serão 15 anos de estudo, e já vou estar me aposentando”. Osmar chegou a fazer 30 cadeiras do curso, mas percebeu que os estudos estavam tomando o espaço da sua família. “Eu não podia sair com eles, tinha que me dedicar aos trabalhos de aula. Então, eu pensei: de que adianta eu me formar por uma questão de orgulho?”. Quando desistiu do curso superior, Osmar passou a fazer uma reserva para dar estudos aos seus filhos. Além disso, “comecei a fazer pequenos

seminários, por conta da empresa”, conta.

**Atividade física na Unisinos** - Osmar conta que se aposentou aos 48 anos. Isso foi em 1996, mas ele seguiu trabalhando até 2002. “Estava só eu e a minha esposa em casa, os filhos já estavam casados, e a gente não é de viajar”, explica. Apesar de já ter uma relação antiga com os esportes, a idéia de fazer atividade física na Unisinos surgiu por acaso. “Um dia, li no jornal que a universidade tinha um programa gratuito para a terceira idade. Aí, eu resolvi ir buscar informações, vim assistir às aulas, gostei e comecei a fazer.” Desde 2002, Osmar se dedica ao programa três vezes por semana e pratica modalidades distintas, como alongamento, musculação e jogos de câmbio. “Já venho de casa a pé para o corpo aquecer.”

**Benefícios do esporte** - Osmar define a prática esportiva como um remédio ruim. “É muito melhor eu ficar em casa dormindo até 10h do que me levantar às 7h para vir pra Unisinos.” Mas ele reconhece que só tem a ganhar com a atividade física. “É preferível tomar esse remédio ruim três vezes por semana e não precisar tomar medicamentos, do que ficar em casa olhando televisão ou na janela, criando barriga e piorando o meu estado de saúde.” Além disso, Osmar comenta que o esporte é uma maneira de tirar os menores da rua e ensinar a viver em sociedade.

**Momentos marcantes** - Para Osmar, a vida não é feita de um, dois ou três momentos felizes ou tristes. “É um somatório, e tu tem que botar tudo em uma balança para ver o que deu mais certo e tentar buscar o melhor”, avalia.

**Lazer** - A pesca é o passatempo preferido de Osmar, tanto que ele chegou a comprar um barco. “De vez em quando, vou pescar no Rio dos Sinos ou no Rio Jacuí.” Antes, o futebol também era uma das formas de lazer,

mas “eu tenho os joelhos ‘estourados’ e precisei parar”, destaca. Osmar também já ocupou o tempo de folga com competições de tênis, nas quais ganhou medalhas e taças. “Também fui campeão municipal de ping-pong e de futebol de salão.”

**Religião** - Embora tenha sido criado nos princípios da Igreja Católica, Osmar afirma que não é assíduo à religião. “Eu acho que não se pode aceitar as coisas de olhos fechados, porque o padre disse”. Osmar define a religião como um estado de espírito. “Se tu te sente bem indo rezar na igreja, tudo bem. Ser tu te sente bem rezando em casa ou caminhando na rua, faz isso, não precisa ir à Igreja. Isso não quer dizer que eu não aceite Deus.” E também não esconde que acredita no Criador. “Ele deve existir. Do contrário, como se justificaria todo esse mundo?”.

**Política brasileira** - Na visão de Osmar, antigamente, os políticos e a sociedade, em geral, eram mais honestos. “Quando eu era guri, a nossa casa não era chaveada. A gente fechava a porta para os gatos não entrarem, mas medo de que alguém entrasse para roubar não existia”, destaca. Além da segurança, a redução da maioridade penal é vista com inquietação por Osmar. “Por que um jovem é considerado apto para escolher um líder do país e não pode ser responsabilizado pelos seus próprios atos, em roubos e mortes?”. Osmar comenta que os governantes dizem que isso é um problema social do Brasil, porque não há emprego para todos. “Muitos dizem que porque o salário é baixo as pessoas se corrompem. Mas as autoridades também se corrompem, então esse não é um problema social, mas, sim, estrutural”, define.

## Sala de Leitura

“Estou lendo *O caderno secreto de Descartes* (de Amir Aczel. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 229 p.) A obra é uma biografia resumida de Descartes redigida de forma muito interessante, parecendo até um romance de tão envolvente e estimulante que ela vai se tornando. Na capa, o autor já apresenta uma chamada instigadora: ‘um mistério que envolve filosofia, história e ciências ocultas’. Ao mesmo tempo em que descreve a vida de Descartes, também trata questões do pensamento matemático de modo muito simples e claro, entusiasmando o leitor por esse campo do saber. Nesse caminho, revela o processo de como Descartes conseguiu, em sua genialidade, unificar duas áreas da matemática (geometria e álgebra) que abriu novas possibilidades para o desenvolvimento da matemática até o início do século XXI. Ao mesmo tempo, é fascinante verificar como um homem com tal grau de racionalidade era capaz de ser tão místico e supersticioso. Creio que esse livro desperte interesse tanto em leitores de diversas áreas do conhecimento, pela precisão como trata o tema, quanto naqueles que querem apenas ler algo como um romance policial.”

**Tiago Wickstrom Alves** é mestre em Economia Rural e Doutor em Economia. É professor dos cursos de mestrado em Ciências Contábeis e do mestrado em Economia da Unisinos, onde leciona Estatística

Aplicada a Contabilidade e Microeconomia, respectivamente. Também é professor titular no curso de Economia.

“A obra que estou lendo é *O Livreiro de Cabul* (de Asne Seierstad. Rio de Janeiro: Record, 2002. 316p.). A autora é uma jornalista norueguesa que morou com uma família afegã por três meses, logo após a queda do regime talibã. A jornalista conta, por meio de uma narrativa rica e envolvente, aspectos pitorescos de um povo muito distante de nós ocidentais. O que mais chama a atenção é o papel da mulher naquela sociedade, que pouco mudou com a queda do regime autoritário do talibã, tratada mais como uma escrava. Gosto muito de ler romances que exploram os aspectos culturais, religiosas e geográficos de regiões, para nós, tão distantes.”

**Nadège Gonçalves Lomando** é mestre em Comunicação Social e especialista em Comunicação e Saúde, pela UFRGS, onde se graduou em Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Atualmente, é professora do curso de Comunicação Social - Hab. em Relações Públicas da Unisinos e orientadora da AGEXCOM - Agência Experimental de Comunicação da universidade.

## IHU REPÓRTER

## Clarice Hofstadler Deiques

*O contato com a natureza, mantido desde a infância, inspirou Clarice Hofstadler Deiques, 46 anos, a se dedicar aos estudos e ao trabalho na área da Biologia. Após passar quatro anos e meio, de 1993 a 1997, na Alemanha, onde fez doutorado em Ciências Naturais, com concentração na área de Zoologia, ela passou a integrar o corpo docente da Unisinos. Atualmente, ela dá aula para quase 100 alunos, divididos nos cursos de Biologia, Enfermagem e Fisioterapia. Em entrevista à revista IHU On-Line, Clarice relatou algumas passagens de sua vida e destacou o convívio com o filho Franz, de sete anos, motivo de suas grandes alegrias. Confira, a seguir, a entrevista:*



**Origens** - Minha mãe é pedagoga e era professora, e meu pai era militar e, por isso, sempre era transferido para outra cidade. Eu nasci em Santa Maria (RS), morei lá por algum tempo, e também em outras cidades. Quando era criança, morei em Porto Alegre, em Bagé (RS), em Cachoeira do Sul (RS), e, já na adolescência, em Brasília (DF), cidade da qual gostei bastante. Na época, a cidade era muito nova, então tudo era muito bonito, e ainda hoje é, principalmente a arquitetura e a região onde se localiza, o serrado. Era bem diferente do que nós temos no Rio Grande do Sul, em termos de cidade e de arquitetura. Conheci várias pessoas e nenhuma delas tinha parentes por perto, porque vinham de outros estados. Então, o entrosamento era bem maior e por isso fiz grandes amigos lá.

**Infância** - A maior parte da minha infância foi em Santa Maria. A família é bem grande, com muitos tios, primos. Tenho outros dois irmãos, e eu sou a filha do meio. Eu e a minha irmã, mais velha, andávamos sempre juntas, estudávamos na mesma escola, tínhamos amigos em comum e também, como todas as irmãs, brigávamos

bastante por bonecas e roupas. Com o meu irmão, o mais novo, a relação era tranqüila. A gente ia muito para mata, tínhamos uma casa de campo na beira de um rio. Adorava andar de barco e tinha muito contato com a natureza. Ficávamos assim durante os dois três meses das férias de verão, e essa é uma das lembranças mais felizes que eu tenho da minha infância.

**Estudos** - Sempre me dediquei muito aos estudos. Talvez por essas constantes transferências de cidade, eu não tenha sido uma aluna exemplar, mas nunca fui reprovada. A minha escolha pela Biologia se deu em função do contato com a natureza, que eu tive desde criança. Fiz o curso na Universidade Federal de Santa Maria, e tive que estudar bastante, porque a universidade exigia muito, principalmente na parte da Zoologia. E foi nessa área que desenvolvi o doutorado, trabalhando com serpentes, na Universität Tübingen, na Alemanha. Depois disso, passei a dar aulas, fazer pesquisas e publicações, dando continuidade à especialização.

**Alemanha** - Fui para a Alemanha em 1993. Na época, eu fazia mestrado na PUCRS, e o curso de graduação da instituição tinha um convênio com a Universität Tübingen da Alemanha, o que facilitou o contato. Eu gosto muito da língua alemã, porque meu avô é austríaco e a minha avó materna é descendente de alemães. Quando era criança, eu não falava alemão, mas sempre convivi muito com a cultura alemã, por causa das origens da minha família. Isso influenciou bastante na escolha de fazer o doutorado na Alemanha, além do contato com os alemães, que iam para a PUCRS e já conheciam a minha pesquisa. Antes de viajar, fiquei seis meses no Goethe Institut, em Porto Alegre, estudando alemão, principalmente gramática.

**Experiência no exterior** - Na Alemanha, as exigências são diferentes e é preciso estudar muito. A maioria das universidades e as melhores são federais. Então, para entrar e se manter na universidade é muito difícil. Há uma dificuldade muito grande com a língua, porque todo o vocabulário mudou, e tudo o que eu estudei aqui no Brasil sobre Biologia eu tive que estudar em alemão. Para conseguir o título de doutor, o aluno faz três provas orais: uma da área que se está pesquisando, e as outras de áreas diferentes, as quais, no meu caso, foram Botânica e Paleontologia, além de seminários e pesquisas. Concluí o doutorado em quatro anos e meio, e sou especialista em Ciências Naturais, com concentração na área de Zoologia.

**Trabalho** - Enquanto estudava, eu fazia estágios em diferentes laboratórios da própria universidade e de fora também. Cheguei a fazer estágio na Fundação Zoobotânica de Porto Alegre e na Fundação de Rio Grande (RS). No ano que eu me formei, em 1983, comecei a trabalhar como professora, em Jaguari (RS), dando aulas para alunos de 2º Grau de uma escola

estadual. Também fui professora em uma escola privada de Santa Maria. Depois do doutorado, eu mandei meu currículo para a Unisinos e fui contratada.

**Unisinos** - Quis vir para cá, principalmente, porque na Unisinos não havia estudos na minha especialidade. Atualmente, sou professora dos cursos de Biologia, Enfermagem e Fisioterapia. Tenho cerca de 100 alunos, divididos nos três turnos. Um dos aspectos importantes da universidade é a universalidade. Acho importante que a Unisinos mantenha uma diversidade em termos de cursos de extensão e laboratórios, além de diferentes áreas de pesquisa.

**Família** - Sou casada há 18 anos e tenho um filho, o Franz, de sete anos. Meu filho Franz é muito importante para mim. Ele é bem criativo, inteligente e interessado, tanto pela minha área, a Biologia, quanto pela do meu marido, que é Arquitetura. Em princípio, a minha principal meta não era o casamento e, sim, me apaixonar, e tive a sorte de isso acontecer. Não há segredo para o matrimônio, há uma luta diária no trabalho, em casa e cuidando do meu filho. É o dia-a-dia, e por isso se mantém.

**Sonho** - Que o mundo se torne cada vez mais civilizado e que tenhamos consciência da importância do convívio do homem com a natureza.

**Passagens marcantes** - Momentos felizes há vários: momentos com minha família, amigos, meu casamento, meu doutorado, o nascimento do Franz e o convívio com ele. Imagino tristeza como algo trágico, a perda de alguém. Eu tenho muita sorte, porque não tive momento triste, só a morte do meu avô, quando eu era pequena.

**Lazer** - Não tenho *hobby*. Gosto muito de ficar em casa com minha família, além de passear. Sempre que a gente

pode, viaja nas férias ou nos finais de semana. Vamos muito para Santa Maria, principalmente para o Franz ver os avós. Também viajamos para a serra e para São Borja, terra do meu marido, e para a praia.

**Filmes** - Para mim, filmes servem para descansar. Por isso, não gosto de filmes muito complicados. Posso citar vários que assisti e gostei, por exemplo *A sombra e a escuridão*, que é a história de dois leões e se passa na África. Além deste, gostei bastante de *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, que também tem uma trilha sonora maravilhosa.

**Livros** - Não tenho livro de cabeceira. Leio bastante literatura alemã, para manter sempre meu vocabulário em dia. O último livro que li foi *Os Buddenbrooks*, do escritor Thomas Mann.

**Instituto Humanitas** - É interessante o trabalho do Instituto, que visa à humanização do professor e das pessoas que estão envolvidas com a universidade. Por trás de um professor, existe uma vida, uma família, diversão e outros compromissos. Com isso, o trabalho do Instituto aproxima mais as pessoas.

**Política brasileira** - Acho que a gente tem que ser otimista, em qualquer aspecto, seja político, econômico ou na segurança. Acredito que, por tentar ser otimista, a política deve melhorar, devido às experiências que estamos passando. É uma crise bastante grande que afeta a todos, mas que talvez seja necessária para que se tenha um novo conceito e que ocorra às mudanças que precisamos. Sem a crise, acho que isso não acontece.